

# Arqueologia & História

volume nº 60-61 | 2008-2009

Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses



*Materials para  
um Livro Branco  
da Arqueologia  
Portuguesa*



# Lisboa pré-histórica: novas informações, à luz de antigos documentos

João Luís Cardoso <sup>1</sup>

**À Memória de**

*O. da Veiga Ferreira, com quem se  
projectou a realização deste estudo*

## 1. Justificação

Em 1947 comemoraram-se os oitocentos anos da conquista da cidade de Lisboa, o que motivou a edição de luxuosa obra, editada pela Câmara Municipal de Lisboa, intitulada “Lisboa oito séculos de História”, com colaboração dos mais notáveis investigadores do passado histórico de então, e belas e expressivas ilustrações a cores, da autoria de Almada Negreiros e de Martins Barata. Porém, ao contrário do que sugere o título, a obra não se inicia apenas depois de a cidade ser cristã. Com efeito, sob o título “Nos tempos pré-históricos”, dá Joaquim Fontes um resumo do que foi a presença humana na região de Lisboa, espalhando-se por observações sobre as mais importantes estações dos concelhos limítrofes (Fontes, 1947 a), na falta objectiva de informações de vulto sobre ocorrências citadinas. Seja como for, esta é a primeira grande obra de síntese sobre a pré-história de Lisboa, a qual está na origem longínqua desta comunicação, apresentada exactamente sessenta anos depois, no âmbito das actividades da Comissão de Estudos Olisiponenses, a convite dos Drs. Eduardo Sucena e Francisco Santana, a quem cumpre agradecer.

---

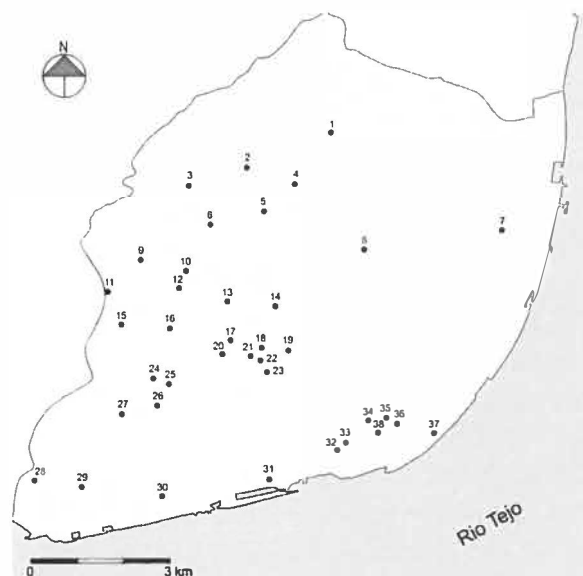
<sup>1</sup> Associação dos Arqueólogos Portugueses. Catedrático de Arqueologia da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

Outra obra de síntese que importa referir, é a de F. Castelo Branco (Branco, 1977), onde as informações arqueológicas se articulam, e bem, com a geografia e a evolução da cidade. Importa igualmente, referir trabalho académico, correspondente a dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, não publicada (Amaral, 1960), onde se inventariam as ocorrências pré-históricas até então conhecidas. Este tipo de estudos só teve continuidade em 1986, com o levantamento da Carta Arqueológica do parque de Monsanto, a pedido do Senhor Engenheiro C. Souto Cruz, Chefe da Divisão de Matas da Câmara Municipal de Lisboa e realizado pelo signatário e por Severino Rodrigues. No ano seguinte, o signatário publicou ensaio sobre a evolução da ocupação humana na região ribeirinha do estuário do Tejo, onde, com base nas evidências mais relevantes, se apresentou esboço interpretativo da realidade empírica disponível (Cardoso, 1987). Logo depois, em 1988, veio a lume, em dois números sucessivos da saudosa Revista Municipal, que triste fim conheceu pouco depois, em resultado das vistas curtas de um autarca, a Carta Arqueológica do Concelho de Lisboa, que constitui o segundo trabalho de levantamento da Carta Arqueologia do Município (Muralha Cardoso, 1988). Trata-se de trabalho de cunho bibliográfico e descritivo, mas que tem o mérito de fornecer informação completa e concisa sobre os achados pré-históricos (pois a eles exclusivamente se refere), compilando as numerosas informações esparsas, muitas vezes inconclusivas e de interesse desigual, que até então se tinham publicado.

Enfim, em 1994, veio a lume pequeno artigo de síntese sobre a pré-história de Lisboa (Moita, 1994), embora já então em parte desactualizado, face aos conhecimentos existentes.

Tendo o signatário desenvolvido trabalhos arqueológicos em diversas estações da área da capital, entretanto publicados, como a estação do Bronze Final da Tapada da Ajuda, explorada entre 1983 e 1987, objecto de copioso número de publicações (Cardoso *et al.*, 1980/1981; Cardoso, Monjardino & Rodrigues, 1986; Cardoso, 1995), a que se seguiu, em 1988, a intervenção arqueológica na estação campaniforme de Montes Claros

(Cardoso & Carreira, 1995), considerou-se que a apresentação de alguns dos materiais inéditos há muito exumados em diversos locais da cidade, em circunstâncias ocasionais, quase sempre desconhecidas, poderiam complementar as investigações anteriormente realizadas. Assim, este contributo não pretende fazer mais um novo inventário mas antes apresentar uma síntese dos conhecimentos sobre esta temática, a primeira que, tomando como base



**Fig. 1** Localização das estações ou ocorrências de materiais pré-históricos citados no texto na área do Município de Lisboa.

**Legenda:** 1 – Pinhal da Charneca; 2 – Alto dos Pinheiros; Paço do Lumiar; 3 – Cemitério de Carnide; 4 – Estádio de Alvalade; 5 – Telheiras; 6 – Quinta de São Vicente; azinhaga dos Soeiros; 7 – Chelas; 8 – Avenida dos Estados Unidos da América; 9 – Avenida Gomes Pereira; Escola do Magistério Primário; 10 – São Domingos de Benfica; 11 – Quinta da Boavista; 12 – Alto das Perdizes; 13 – Moinho das Cruzes; 14 – Avenida Columbano Bordalo Pinheiro; Terras do Pita; Praça de Espanha; São Sebastião da Pedreira; 15 – Bairro da Serafina; 16 – Forte de Monsanto; 17 – Santana (Monsanto I); 18 – Galerias de sílex do Túnel do Rossio, lado de Campolide; 19 – Penitenciária de Lisboa; Rua de Campolide; 20 – Vila Pouca; 21 – Sete Moinhos; 22 – Calçada dos Mestres; 23 – Campolide (rua General Taborda); 24 – Bombeiros do Parque Florestal de Monsanto; 25 – Moinho da Carrasqueira; 26 – Tapada da Ajuda; 27 – Montes Claros; 28 – Alto do Duque; 29 – Cerca dos Jerónimos; 30 – Rua do Embaixador; Quartel de Cavalaria 7; Quinta do Almargem; campo das Salésias (estação pré-histórica da Junqueira); 31 – Rua de São Domingos à Lapa; 32 – Alto de Santa Catarina; 33 – Palácio Lumières; 34 – Capela de São José dos Carpinteiros; 35 – Encosta de Sant’Ana; 36 – Castelo de São Jorge; 37 – Chafariz d’El Rei; 38 – Praça da Figueira.

o registo empírico é objectivamente elaborada, e, ao mesmo tempo, redimir do esquecimento alguns daqueles testemunhos recolhidos há muitos anos, conservados no Museu Nacional de Arqueologia, a maioria deles desde a direcção de José Leite de Vasconcelos. Corporizam um ciclo de recolhas ocasionais, feitas ao sabor das circunstâncias, cujo conhecimento, no âmbito da própria história da investigação arqueológica, justifica a decisão de agora lhes conceder, pela primeira vez, público conhecimento (Fig. 1).

Enfim, este contributo é um preito de homenagem à memória do Doutor O. da Veiga Ferreira com quem se projectou a elaboração deste trabalho, que infelizmente não foi possível concretizar em vida daquele que foi um dos mais notáveis arqueólogos portugueses de sempre e a quem a cidade de Lisboa deve importantes contributos para o conhecimento do seu passado humano mais longínquo.

## 2. Os materiais

### 2.1. O Paleolítico Inferior e Médio

É sabida a extraordinária abundância de materiais paleolíticos, de todas as épocas, especialmente do Mustierense, existentes nas áreas limítrofes de Lisboa, colhidos à superfície dos solos do Complexo Vulcânico de Lisboa, que se desenvolvem, em arco, de Cascais a Loures. Pertence ao concelho de Loures aquela que foi a primeira estação a ser localizada - o Casal do Monte - continuando ainda hoje a ser considerada a mais importante de todas: a sua descoberta deveu-se a Joaquim Fontes, então ainda aluno finalista do Liceu Camões, tendo sido prontamente publicada (Fontes, 1910).

O núcleo de maior concentração de achados corresponde à região de Amadora, pois, apesar de ser possível identificar áreas de especial concentração de materiais, os fenómenos pós-deposicionais, de erosão, transporte e redeposição actuaram intensamente, a ponto de não se ter encontrado em nenhum dos locais testemunhos de estratigrafia. Algumas das peças conservadas no Museu Nacional de Arqueologia provêm da faixa de basaltos que bordejia do lado setentrional a serra de Monsanto, na área de Benfica (Quinta da Boavista) (Fig. 2), e outras se conservam no Museu dos antigos

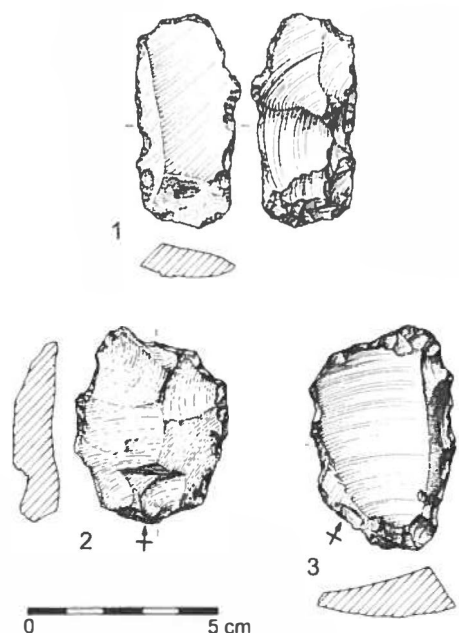


Fig. 2 Materiais paleolíticos da Quinta da Boavista.

Serviços Geológicos de Portugal, do Moinho das Carrasqueira (Zbyszewski & Cardoso, 1988 a), área onde já J. Camarate França tinha feito amplas recolhas, não só na importante estação do Alto das Perdizes (França, 1949 a), mas também em muitos outros locais, como nos terrenos entre a estrada de Benfica (Av. Gomes Pereira) e a antiga Escola do Magistério Primário (actualmente Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa). Este local foi objecto de uma comunicação do próprio à Secção de Arqueologia da SGL, a 13 de Abril de 1956, tendo anunciado ali a existência de abundante espólio paleolítico (Castelo-Branco, 1977, p. 61, 62). os terrenos basálticos, mais próximos do núcleo mais antigo urbe, ofereceram conjuntos paleolíticos também representativos: é o caso das estações da Tapada da Ajuda e do Moinho das Cruzes, situadas nos terrenos basálticos que bordejam a nascente e a sul a serra de Monsanto (Zbyszewski & Cardoso, 1988 a), que forneceram abundantíssimas indústrias mustierenses, a que se juntam belos bifaces acheulenses, até agora inéditos, encontrados por J. R. Carreira perto de Sete Rios. Não longe, situavam-se as Terras do Pita, actualmente na área da Av. Columbano Bordalo Pinheiro e da Rua

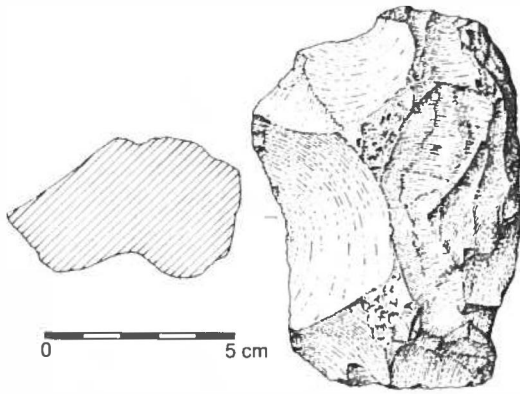


Fig. 3 Artefacto paleolítico da Praça de Espanha. Recolha de Manuel Leitão.

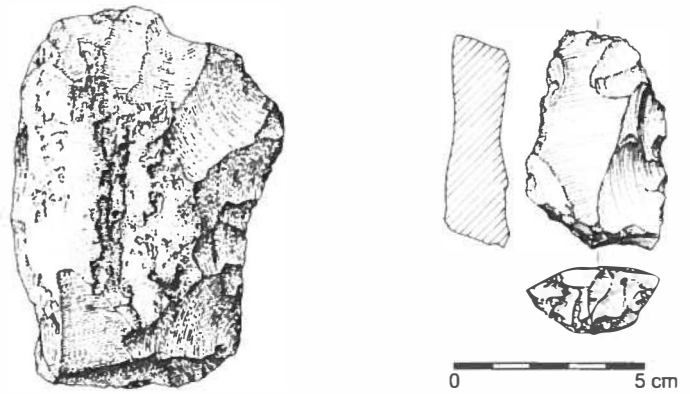


Fig. 4 Artefacto paleolítico recolhido entre a Rua do Embaixador e o quartel de Cavalaria 7. Museu Nacional de Arqueologia.

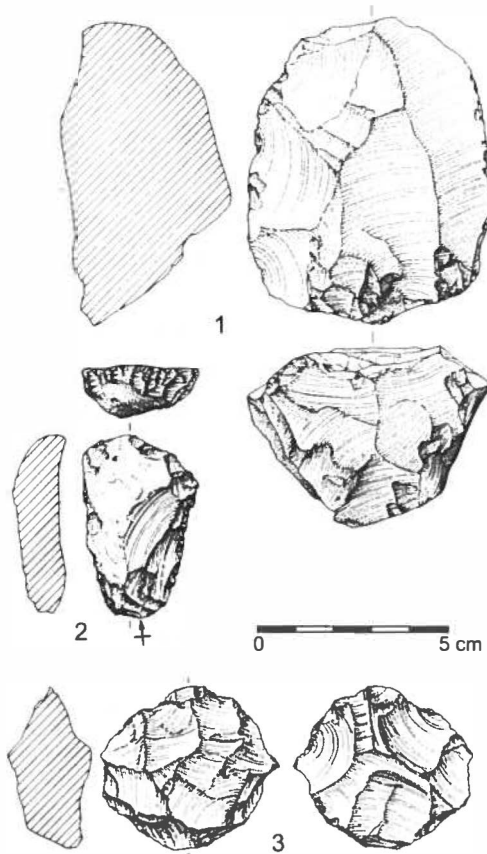


Fig. 5 Materiais paleolíticos da área do Forte de Monsanto. Museu Nacional de Arqueologia.

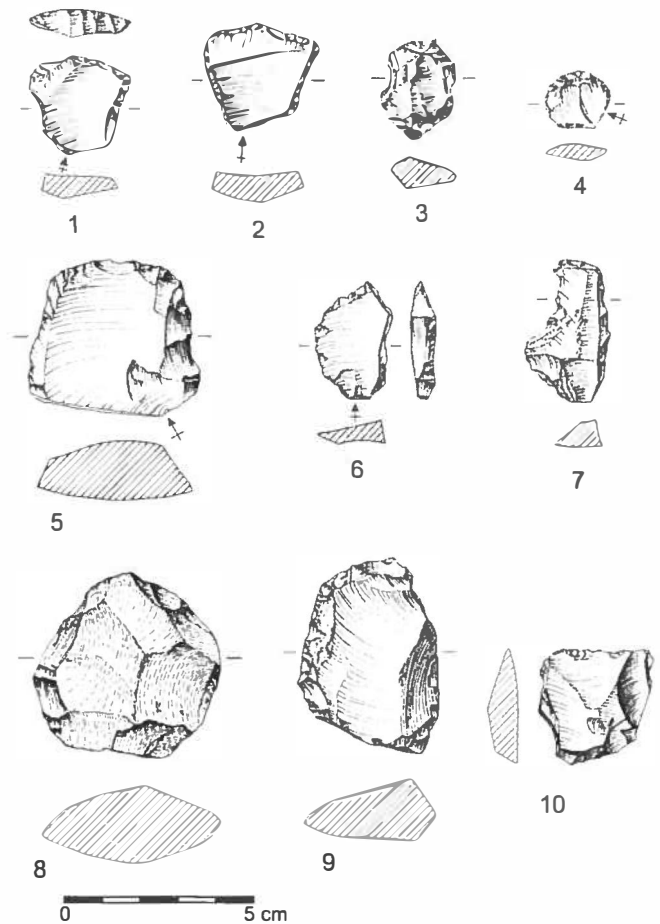
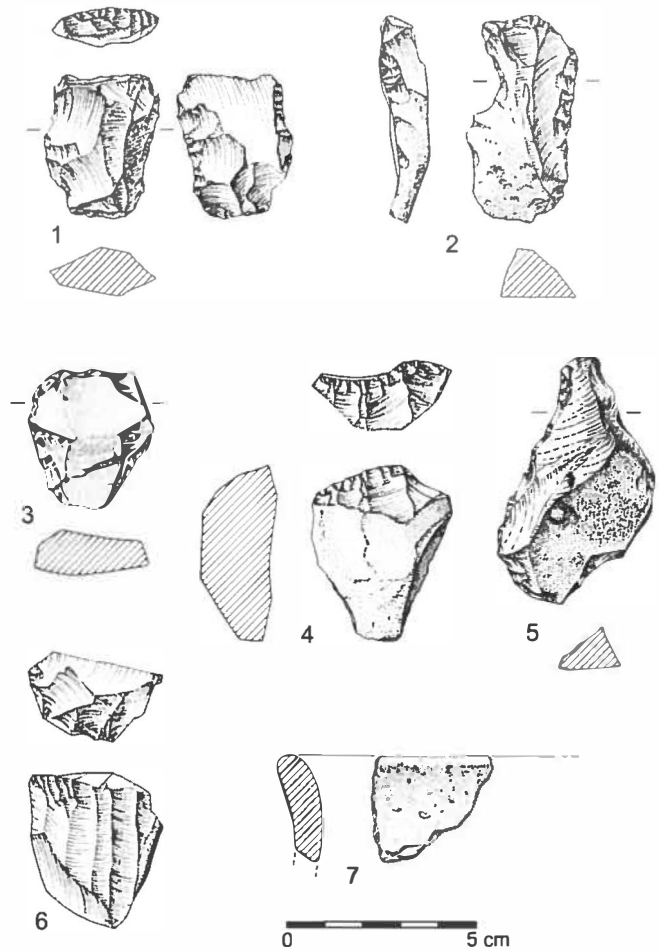


Fig. 6 Materiais paleolíticos da área do Quartel dos Bombeiros de Monsanto. Note-se a existência de uma pequena raspadeira unguiforme, idêntica aos exemplares de características epipaleolíticas recolhidos na Penha Verde, Sintra (recolhas realizadas no âmbito do levantamento arqueológico do Parque Florestal de Monsanto, em 1986, pelo signatário e J. A. Severino Rodrigues).



**Fig. 7** Materiais paleolíticos da área de S. Domingos de Benfica, com excepção de um núcleo de lâminas, neolítico (recolhas realizadas no âmbito do levantamento arqueológico do Parque Florestal de Monsanto, em 1986, pelo signatário e J. A. Severino Rodrigues).

Basílio Teles, onde se assinalaram, sobre terrenos basálticos, materiais paleolíticos (Almeida, 1952, p. 284; Amaral, 1960), cujo prolongamento, até à Praça de Espanha, ainda em solos basálticos, parece comprovado pelos achados ali efectuados pelo Dr. Manuel Leitão (Fig. 3).

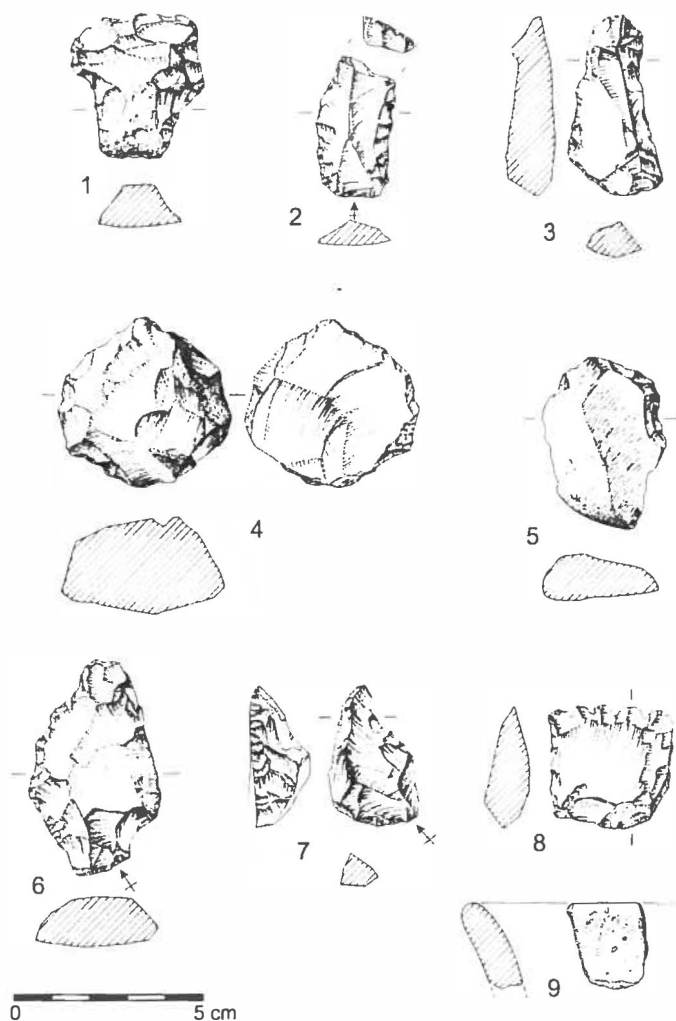
Já perto do Tejo, as terras basálticas entre a Rua do Embaixador e o quartel de Cavalaria 7, em Belém, forneceram também alguns elementos mustierenses (Fig. 4), aliás em conexão com os recolhidos na área do campo de futebol das Salésias, correspondentes à chamada “estação pré-histórica da Junqueira” (Vaultier & Zbyszewski, 1947). Foi, enfim, em terrenos basálticos, coroados pelos depósitos miocénicos sobre os quais se implantou o forte do Alto do Duque, no limite ocidental do concelho de Lisboa, que J. Fontes assinalou a presença de alguns materiais paleolíticos.

Das mais altas da serra de Monsanto, ocupada

pela plataforma culminante, na bordadura da qual se encontra implantado o Forte de Monsanto, em terrenos calcários cretácicos, provém uma notável colecção de artefactos mustierenses típicos (Fig. 5).

A riqueza de materiais essencialmente mustierenses, ainda hoje possíveis de recolher em algumas zonas do Parque de Monsanto, foi comprovada no decurso das prospecções ali efectuadas em 1986 pelo signatário acompanhado de Severino Rodrigues, incluindo sítios ainda desconhecidos, como é o caso da área dos Bombeiros do Parque (Fig. 6) e de São Domingos de Benfica (Fig. 7), ou outros, já anteriormente referenciados, como é o caso do Moinho das Cruzes (Fig. 8).

Não obstante, os espólios hoje conhecidos, dão, naturalmente, apenas uma pálida ideia da extraordinária riqueza de materiais que outrora juncavam os terrenos basálticos e calcários (especialmente os primeiros), antes de serem quase totalmente



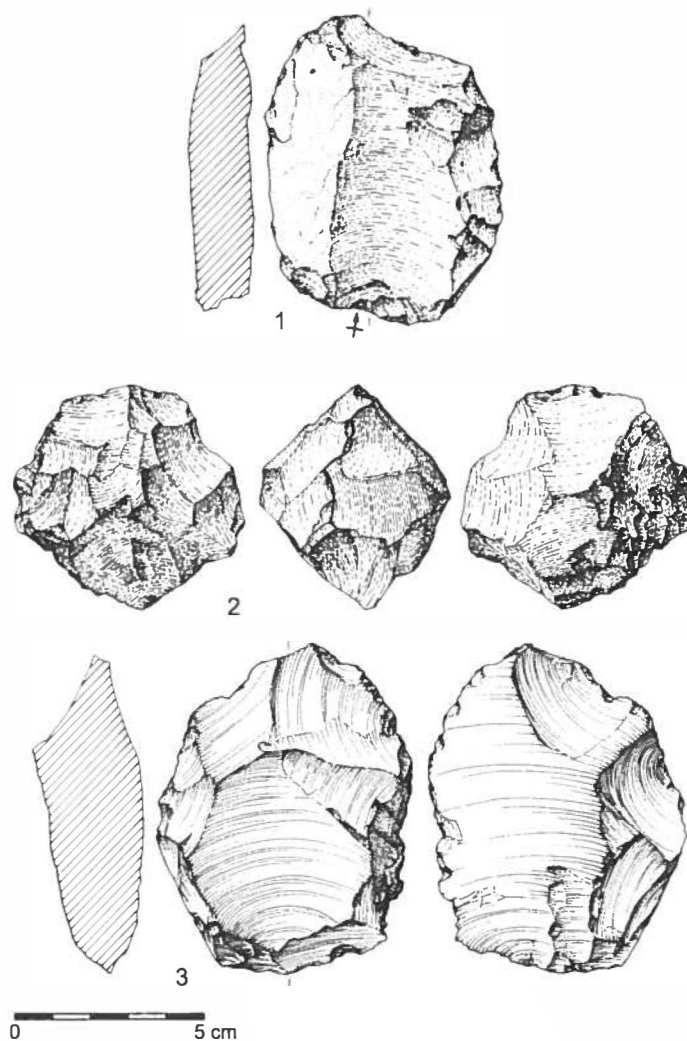
**Fig. 8** Materiais paleolíticos e da Idade do Bronze (elemento de foice de bordo denteado e bordo de recipiente) do Moinho das Cruzes (recolhas realizadas no âmbito do levantamento arqueológico do Parque Florestal de Monsanto, em 1986, pelo signatário e J. A. Severino Rodrigues).

ocupados pela urbanização no decurso dos últimos 50 anos. Como explicar tão notável concentração de materiais, sem dúvida situação isolada no panorama do paleolítico português? É o que se irá procurar justificar de seguida.

Mercê das suas características, tais terrenos são favoráveis à retenção da água em toalhas superficiais, facto que resulta na ocorrência de numerosas nascentes. A abundância de água, facilmente disponível, conjugada com relevo pouco acidentado, em parte resultante da disposição tabular das próprias escoadas lávicas, justifica a antevisão de ambiente natural cuja cobertura vegetal na época se revelaria semelhante à actual savana africana, onde abundaria a caça. Reuniam-se, assim, condições favoráveis à circulação de grupos de caçadores-recolectores, no decurso de largo lapso temporal

de muitas centenas de milhares de anos, até a plena afirmação do Homem moderno na região, o que só viria a acontecer há cerca de 35 000 anos antes do presente.

Datam de finais do século XIX as primeiras investigações e descobertas de peças paleolíticas nos arredores de Lisboa, globalmente designado por "Paleolítico do complexo vulcânico de Lisboa"; tal é a riqueza e aparente homogeneidade dos conjuntos líticos recolhidos. Coube a António Mendes, colector da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal a primazia das descobertas (Vasconcelos, 1922), ao ter recolhido em Monsanto, uma "faca", atribuída ao Paleolítico: tratar-se-á da estação de Monsanto 1, sinónimo de Santana, correspondente a uma oficina situada em terrenos calcários, sendo a "faca", provavelmente, um esboço de idade



**Fig. 9** Materiais paleolíticos da Calçada dos Mestres. Museu Nacional de Arqueologia.

neo-calcolítica, como tantos outros dali provenientes.

Com efeito, depois de uma primeira notícia devida a Fonseca Cardoso, relativa ao achado de bifaces acheulenses em retalho de terraço quaternário cerca de 30 m acima do leito da ribeira de Alcântara (Cardoso, 1895), os quais, a avaliar pelas estampas publicadas e por outras indicações contidas no texto, se afiguram objectos naturais, só em 1909 o Padre Bovier-Lapierre, então alojado no Colégio de Campolide, pertença da Companhia de Jesus, voltou a efectuar colheitas de material, atraído pela descoberta, nas cercanias dos terrenos do Colégio, de materiais lascados.

Remonta a essa época a identificação da estação da Calçada dos Mestres, íngreme artéria que

comunicava Monsanto, depois de transposta a ribeira de Alcântara com Campolide. Esta estação foi classificada como incontestavelmente mustierense por H. Breuil (Breuil, 1918, p. 35), provindo os materiais de depósitos detriticos acumulados no talvegue deste apertado vale, aberto nos calcários cretácicos, ao longo de ambas as encostas. Representam-se na **Fig. 9** alguns dos materiais inéditos dali provenientes.

A partir dessa data, as prospecções de campo alargaram-se, da serra de Monsanto às vastas áreas basálticas que se estendem a partir dela. Vergílio Correia, ao tempo funcionário do Museu Nacional de Arqueologia, localizou, entre 1909 e 1912, avultado número de estações paleolíticas, concentradas nos terrenos referidos, actualmente repartidos

pelos concelhos de Sintra, Oeiras, Amadora e Loures (Correia, 1912 a). As prospekções na região prosseguiram intensamente, com Joaquim Fontes, a par do próprio Vergílio Correia, de Mesquita de Figueiredo e de outros. Em 1934, A. do Paço na sua "Carta Paleolítica e Epipaleolítica de Portugal" cartografou 94 estações paleolíticas em torno da cidade de Lisboa (Paço, 1932), lista que não sofreu actualização de maiores em inventários subsequentes (Paço, 1940; Jalhay & Paço, 1941).

Com a vinda para Portugal de H. Breuil em 1941, onde permaneceu durante dezassete meses, até finais de 1942, os estudos do Paleolítico dos arredores de Lisboa, tal como os do litoral estremenho e do Baixo Alentejo e ainda do vale do Tejo, tiveram incremento notável. Datam dessa época as intensas prospekções realizadas em numerosas estações já conhecidas, como a de Casal do Monte, Loures que, somadas às intensas prospekções de Alves Costa e de Jean Ollivier na região da Amadora, vieram a enriquecer as colecções conservadas no actualmente designado Museu Geológico (LNEG), em Lisboa.

Depois da partida de Breuil, os trabalhos sobre o Paleolítico Inferior e Médio na região decaíram: apenas pequenas notas esparsas de escassos autores, anteriormente referidas, documentam o proceguimento dos estudos sobre a região, antes do ressurgimento destes, consubstanciado pela publicação sistemática das colecções conservadas no Museu citado, pelo signatário, em colaboração com G. Zbyszewski: são exemplo as publicações dedicadas à estação do Campo de Aviação de Amadora (Zbyszewski & Cardoso, 1985); à estação de Linda-a-Pastora (Zbyszewski & Cardoso, 1987) e de Borel-Horta, Amadora (Zbyszewski & Cardoso, 1988 b); e às estações da Tapada da Ajuda, Moinho das Cruzes e Moinho da Carrasqueira, já atrás citadas; e à estação do Casal da Serra, Amadora (Zbyszewski & Cardoso, 1992). Nos últimos anos deste projecto, que se desenvolveu por cerca de uma década, já depois de publicada volumosa obra de conjunto "O Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa" (Cardoso, Zbyszewski & André, 1992), vieram a lume os trabalhos dedicados às estações de Damaia, Venteira e Casal da Barroca, Amadora (Cardoso & Zbyszewski, 1995 a); e à de Varge Marinho, Sintra

(Cardoso & Zbyszewski, 1995 b), todas situadas no Complexo Vulcânico de Lisboa. Deste modo, dispõe-se actualmente de uma informação global sobre as características tipológicas dos conjuntos artefactuais presentes na globalidade das estações estudadas, que vão do Paleolítico Inferior ao final do Paleolítico Médio, ainda que alguns elementos recolhidos, facilmente reconhecíveis pela pátina, se inscrevam em épocas mais modernas.

Tão largo intervalo de tempo ajuda também a justificar a extraordinária abundância de materiais líticos recolhidos, constituindo os referidos terrenos um notável palimpsesto arqueológico, bem evidenciado nas estações paleolíticas mais importantes. Os materiais mais antigos remontam ao Acheulense, encontrando-se representados por peças absolutamente clássicas como os bifaces, alguns com cuidados retoques com percutor elástico. Mas são os conjuntos do Paleolítico Médio (Mustierense) que predominam, correspondendo ao auge da ocupação humana desta vasta região. Nessa altura, os terrenos basálticos teriam funcionado como território privilegiado para a caça, cuja presença era favorecida, para além dos factores antes referidos, pelo clima pouco rigoroso, explicado pela baixa latitude e proximidade oceânica, contrastando com o verificado em outras regiões peninsulares e além-Pireneus, nesse mesmo lapso temporal. Foi, com efeito, a existência de um clima globalmente benigno, que determinou a preferência por acampamentos de ar livre, dispensando o recurso generalizado ao abrigo de grutas, que só circunstancialmente são ocupadas na região: é o caso da Gruta do Correio-Mor e das Salemas (Loures) e da gruta da Ponte da Lage (Oeiras), onde foram identificados escassos artefactos de sílex, susceptíveis de se considerarem como mustierenses.

Não obstante os vestígios recolhidos nesta vasta região basáltica serem, exclusivamente, de superfície, a sucessão tecno-industrial e cultural é coerente, desde as estações mais ocidentais, no concelho de Cascais, até às mais orientais, situadas já no concelho de Loures, passando pelo núcleo de maior densidade de vestígios, na região da Amadora. Deste modo, é lícita a designação de tal conjunto de estações – que constituem uma das manchas

paleolíticas mais importantes da Europa – por “Paleolítico do Complexo Basáltico (ou Vulcânico) de Lisboa”, expressão detentora de significado cronológico e cultural bem definido, ainda que muito amplo.

A estas concentrações de materiais no terreno, H. Breuil e G. Zbyszewski negaram o estatuto de verdadeiras estações: não o são, com efeito, no sentido tradicional do termo, querendo-as fazer corresponder a distribuições delimitadas de material com posição estratigráfica bem definida (Breuil & Zbyszewski, 1942, p. 32): “Celles-ci se trouvent largement dispersées sur toutes les surfaces accessibles aux recherches et ne sauraient réellement, quoique plus denses en certains points, être localisées en vraies stations”. Este é também o parecer de Jean Ollivier, que, depois de ter efectuado aturadas pesquisas na região da Amadora, concluiu (Ollivier, 1951) de forma idêntica. A dispersão das peças, bem como a sua mistura no decurso dos tempos, com outras, mais modernas, seria por certo a razão determinante dos dois autores citados, que impedia a admissão de verdadeiras estações para tais ocorrências. Actuadas pela gravidade, as peças acumular-se-iam a meia encosta, enquanto nos morros afloravam as rochas do substrato basáltico e, no fundo dos vales, os sedimentos finos, cobrindo os níveis mais antigos contendo materiais paleolíticos: deste modo, todos os materiais estariam em posição derivada, isto é, fora do contexto em que foram primitivamente abandonados pelo homem pré-histórico. Assim se poderá explicar a ausência de estratigrafia que caracteriza tais ocorrências mas não o carácter circunscrito que muitas delas ainda evidenciavam na altura da sua localização, apesar dos intensos trabalhos agrícolas, efectuados ao longo de muitos séculos. De facto, a distribuição das estações não só não é aleatória, vista globalmente, com uma evidente concentração, de cerca de duas estações por km<sup>2</sup> na região entre Carnaxide e Queluz, passando por Damaia e pela parte meridional da Amadora, como se podem delimitar no terreno as principais concentrações de materiais. Neste sentido, concorda-se com a perspectiva defendida por Joaquim Fontes que, já em 1912, declarava (Fontes, 1912, p. 13): “Não são vestígios de

uma grande estação, mas caracterizadas estações com instrumentos típicos. São efectivamente pouco afastadas umas das outras, mas por isso, como à primeira vista pareceria, não implica que formem uma única. Se assim fosse, não se compreenderia o encontrarem-se, por exemplo, instrumentos em abundância na de A da Maia, e nenhuns no espaço que medeia entre esta e o Casal das Osgas”.

Mercê do estudo de conjunto já referido (Cardoso, Zbyszewski & André, 1992), reconheceu-se nitida dependência entre a natureza das matérias-primas utilizadas e as fontes onde estas se encontravam naturalmente disponíveis. Assim, nos domínios mais ocidentais, próximos dos afloramentos de calcários cretácicos, onde o sílex era abundante, sob a forma de nódulos, é esta a matéria-prima que predomina; a zona média e também nuclear deste grupo de estações, parece constituir termo de transição entre o uso desta rocha e o recurso ao quartzo, sob a forma de seixos rolados. Tal facto explica-se pela maior distância que teria de ser percorrida até às fontes de sílex; não obstante, a sua presença, ainda dominante, demonstra que foi objecto de procura, exploração e transporte, para os locais onde, ulteriormente, foi transformada. Enfim, nas estações paleolíticas mais orientais, já situadas no concelho de Loures, é o quartzo filoniano, directamente obtido nos depósitos detriticos grosseiros do Cenozóico, aflorantes na região limítrofe, que constitui o grosso da utensilagem. Tais factos ilustram, expressivamente, o papel das condicionantes geológicas nas características industriais das referidas associações líticas.

As limitações inerentes ao facto de serem exclusivamente materiais de superfície, somadas ao facto de se tratar, em geral, de colheitas antigas, e, por certo, selectivas, isto é, não abarcando a integridade do material, impede a aplicação de métodos de análise tipológica mais finos, designadamente o “método de Bordes”. Com efeito, conforme preconizou F. Bordes, os conjuntos líticos de superfície onde tal método seria susceptível de utilização, deveriam respeitar várias condições, a saber: a) conjuntos numerosos; b) não triados; c) homogéneos (Bordes, 1950). Se as severas limitações, no que às jazidas em causa diz respeito, quanto à segunda

das condições postuladas são reais, já a primeira e a terceira condições parecem ser respeitadas nos casos em apreço: com efeito, em estações com um número mínimo de peças recolhidas, por hipótese, igual ou superior a 100, poderemos aceder, ainda que de forma imprecisa, à distribuição global da tipologia da utensilagem, do mesmo modo que a homogeneidade dos conjuntos constituídos em cada estação é assegurado pela constituição de séries de litologia e estado físico superficial homogêneos: é o chamado “método das séries”, que encontra nos materiais paleolíticos do Complexo Vulcânico de Lisboa excelente campo de aplicação.

Naturalmente, a aplicação deste método é discutível e os seus resultados apenas defensáveis quando o número total das peças permite ultrapassar as incertezas inerentes à análise dos pequenos conjuntos; mas é óbvio que é o único, conjugando tipologia, técnica e patine superficial, que possibilita a organização das indústrias recolhidas à superfície em dado local, em termos diacrónicos. Relembrem-se, a tal propósito as considerações de Manuel Heleno, ainda plenamente actuais: “Pode-se argumentar que o seu (de Breuil) critério de classificação, baseado nas pátinas e no desgaste, nem sempre oferece segurança (...). Mas não se pode negar que a grande soma de observações e materiais colhidos convergentes e concordantes, dão ao edifício uma estrutura segura e racional e um amplo horizonte” (Heleno, 1956, p. 246).

Foi este o critério que tem sido utilizado no estudo dos materiais de superfície das estações do Complexo Vulcânico de Lisboa. Assim se isolaram conjuntos que abarcam um amplo intervalo, do Acheulense Antigo aos tempos pós-paleolíticos, com uma evidente concentração de materiais no Acheulense Superior e, sobretudo, no Mustierense, época em que, por certo, a região foi mais intensamente cruzada por grupos de caçadores-recolectores. Naturalmente, na interpretação da quantidade de tais testemunhos, deverá atender-se à variável tempo: o que parece corresponder a uma notável concentração da população, poderá não ser mais do que a sobreposição, no espaço, de sucessivas presenças pouco acentuadas, ao longo de um amplo intervalo cronológico: é essa a perspectiva que

provavelmente mais se aproxima da realidade. Seja como for, com tais e tão severas limitações (ausência de estações com estratigrafia, dispersão de materiais, sobreposição no mesmo local de sucessivas presenças humanas, entre outras), ficam definitivamente por esclarecer questões já hoje clássicas, como a do real estatuto destes conjuntos no âmbito do “Complexo industrial” mustierense, tal como foi definido noutros lugares.

Face às considerações apresentadas, facilmente se compreende que as estações do Paleolítico Inferior e Médio se concentrem nos terrenos basálticos que se desenvolvem em torno da ossatura calcária da serra de Monsanto e zonas limitrofes, de terrenos cretácicos ou terciários, de onde também provêm notáveis peças paleolíticas, como uma grande “limande” de sílex acheulense recolhida na encosta cretácica de Sete Moinhos (Figueiredo, 1922, Fig. 1), a que H. Breuil faz menção, conjuntamente com metade de outra, ainda maior (Breuil, 1918, p. 35), conservada no Museu Nacional de Arqueologia. A razão para tão evidente concentração de estações prende-se, por um lado, com as condições favoráveis oferecidas pelos terrenos basálticos, já anteriormente indicadas, e pela abundância de sílex na região calcária de Monsanto, que justificou a atracção, do Homem Pré-Histórico, em todas as épocas. Tal não significa, porém, que as restantes áreas do concelho, ocupadas por solos sedimentares terciários, não tivessem conhecido, ainda que de forma esporádica e pontual, ocupações idênticas. É o caso das escassas estações publicadas como tal, como a Quinta de São Vicente/Soeiros (França, 1949 b), o Castelo de São Jorge (Viana & Zbyszewski, 1948), esta correspondente ao achado de escassos e por vezes duvidosos materiais, tanto *in situ* como em posição derivada, e Pinhal da Charneca (Roche, Ferreira & Zbyszewski, 1959). Outras ocorrências, citadas em Amaral, 1960), podem-se juntar às mencionadas: trata-se, também, de conjuntos escassos e de localização imprecisa, que não configuram a existência de verdadeiras estações, mas apenas a ocorrência de espólios heterogêneos, descontextualizados e isolados. Citam-se duas peças recolhidas em talude, defronte à entrada principal do cemitério de Carnide (Fig. 10), o pequeno conjunto de cinco

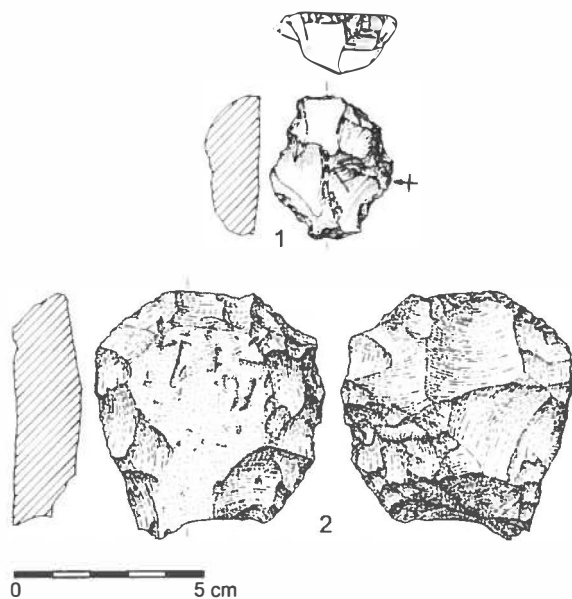


Fig. 10 Materiais paleolíticos recolhidos pelo signatário defronte do portão principal do cemitério de Carnide.

peças, das quais se ora se publicam duas, da área de São Sebastião da Pedreira, recolhido por Manuel Heleno por ocasião de conserto em canalizações (in Jalhay, 1947, p. 37) (Fig. 11) e, ainda, o núcleo mustierense executado sobre bloco tabular de sílex, recolhido em 1981 nas obras do estádio José de Alvalade, em 1981, por M. Telles Antunes (Fig. 12).

#### O Paleolítico Superior e o Epipaleolítico/Mesolítico

Apesar de se referirem materiais desta época, nos locais anteriormente ocupados por bandos

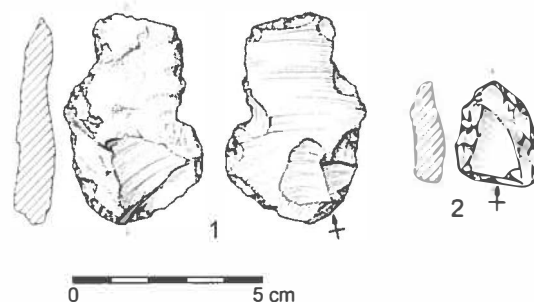


Fig. 11 Materiais paleolíticos da área de São Sebastião da Pedreira. Museu nacional de Arqueologia.

de caçadores-recolectores do Paleolítico Inferior e Médio, correspondendo às séries mais modernas das sequências definidas com base no método das pátinas superficiais, a verdade é que ainda está por demonstrar a efectiva existência de artefactos cuja tipologia indique incontestavelmente o Paleolítico Superior na área do concelho de Lisboa, embora tal presença seja segura em grutas dos concelhos limítrofes de Oeiras e de Loures. Com efeito, a única peça até agora publicada reporta-se a fragmento de ponta de tipo Parpalló recolhida em corte efectuado aquando da construção de um desvio à Rua de Campolide, nas traseiras da penitenciária de Lisboa; Mas a intervenção ali realizada subsequentemente veio demonstrar que a sequência era constituída por depósitos modernos (Zilhão, 1997, p. 842), pelo que a peça resultou de remobilização de outro local, que se desconhece.

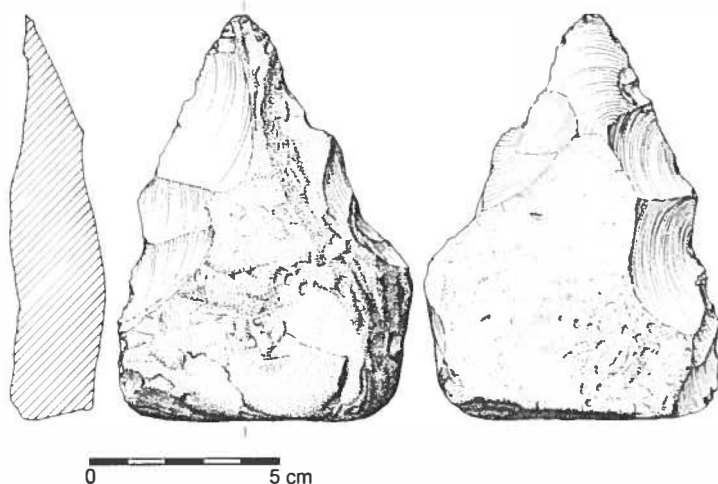


Fig. 12 Artefacto paleolítico da área do estádio de Alvalade. Recolha de M. Telles Antunes.

No que se refere ao Epipaleolítico/Mesolítico, cita-se a provável estação do Casal da Laranja Azeda, a norte do Moinho das Cruzes, ainda inédita.

Por outro lado, alguns raríssimos artefactos de tipologia mais característica, integrados nas séries mais modernas dos conjuntos líticos acima referidos, podem ser atribuídos ao Epipaleolítico: é o caso de uma pequena raspadeira unguiforme, com forte patina vermelha, idêntica a outras recolhidas na Penha Verde, Sintra e atribuídas a um Epipaleolítico de características azilóides (Cardoso & Ferreira, 1992).

### **O Neolítico Antigo**

O Neolítico Antigo encontra-se representado em diversas estações de há muito conhecidas, como é o caso dos povoados de Vila Pouca (Correia, 1912 b; Moita, 1967) de Montes Claros (Jalhay, Paço & Ribeiro, 1944; Cardoso & Carreira, 1995) e do Alto das Perdizes (França, 1949 a, Est. XVIII, n.º. 166), com base em alguns dos materiais nelas representados. Trata-se de materiais decorados por impressões e por puncionamento oblíquo de uma matriz, dando origem aos motivos em espiga, também designados por “falsa folha de acácia”, a que se associam elementos de prensão por vezes também eles decorados, como é o caso de um belo exemplar recolhido na primeira daquelas estações, exposto no Museu da Cidade e reproduzido a cores (Moita, 1967). No conjunto das indústrias de pedra lascada, importa valorizar alguns segmentos, identificados a partir das reproduções fotográficas apresentadas, tando de materiais oriundos de Vila Pouca (Moita, 1967, Est. XVI, n.º. 30, 31, 33, 34), como de Montes Claros (Jalhay & Paço, 1944; Moita, 1994, p. 27), que são, como se sabe, produções características do Neolítico Antigo.

A falta de elementos estratigráficos levou, o autor a admitir, em trabalho anterior, a existência de uma fase precoce do Neolítico Final em que tivessem coexistido tais produções com as reconhecidamente características do Neolítico Final regional: a taça carenada e os recipientes de bordo em aba, ostentando decoração denteada, igualmente bem representadas em ambos os sítios (Carreira & Cardoso, 1994). Tal afirmação encontrava-se consubstanciada

nos espólios recolhidos nos povoados do Alto de S. Francisco (Palmela) e de Zambujal 1 (Sesimbra), nos quais coexistiriam as cerâmicas decoradas com motivos em espiga, características do Neolítico Antigo evolucionado, com bordos denteados e taças crenadas, globalmente atribuídas ao Neolítico Final (Silva & Soares, 1986, Fig. 43, 58), observação que fundamentou aquela afirmação. Contudo, importa sublinhar que em nenhum destes dois sítios se efectuaram escavações, pelo que é possível que se trate de materiais de épocas distintas. A reforçar esta conclusão, importa referir que existem locais, recentemente explorados, como a Moita da Ladra (Vila Franca de Xira) onde, do conjunto de cerâmicas decoradas do Neolítico Antigo evolucionado, não fazem parte produções como as taças carenadas e os bordos denteados (Cardoso & Caninas, 2010), tal qual o verificado nos povoados do Neolítico Antigo evolucionado de Carrascal (Oeiras) e de Casal da Cerca (Palmela), os quais, apesar de possuírem um notável conjunto de cerâmicas decoradas impressas e incisadas, não integram, em contrapartida, nenhum elemento do Neolítico Final no seu espólio (Cardoso, 2010 a). A conclusão a tirar é a de que, efectivamente, não existe nenhum indício seguro da coexistência de produções características do Neolítico Antigo evolucionado com as do Neolítico Final. Tal conclusão é reforçada pelas datas absolutas obtidas. Com efeito, tendo as ocupações do Neolítico Antigo evolucionado do Carrascal e do Casal da Cerca sido datadas pelo radiocarbono no último quartel do VI milénio/princípios do V milénio a.C. (Cardoso, 2010), e correspondendo o início do Neolítico Final na Estremadura ao segundo quartel do III milénio a.C., mais de dois mil anos separam ambos os complexos culturais, pelo que não é lícito admitir a produção de cerâmicas decoradas mantendo os mesmos motivos e técnicas através de tão dilatada amplitude cronológica. Acresce que, entretanto, foram valorizados outros elementos estratigráficos, então ainda mal conhecidos: é o caso do conjunto do Neolítico Antigo evolucionado recolhido na Lapa do Fumo (Sesimbra), com abundantes elementos decorados por impressões típicas do Neolítico Antigo evolucionado, mas sem nenhum fragmento característico do Neolítico Final. Este

último, corresponde à ocupação funerária que se-  
lou a anterior através de um lajeado sobre o qual  
foram efectuadas as deposições, com abundantes  
elementos típicos do Neolítico Final, como as taças  
carenadas (Serrão & Marques, 1971; Serrão, 1975).  
Desta forma, no estado actual dos nossos conheci-  
mentos, não pode haver lugar a mais dúvidas sobre  
a não sobrevivência, no Neolítico Final, de produ-  
ções cerâmicas decoradas do Neolítico Antigo, na  
área estremenha.

Desta forma, tanto no povoado de Montes Claros,  
onde se recolheram, nas sucessivas escavações ali  
efectuadas, cerâmicas características do Neolítico  
Antigo evolucionado (Jalhay, Paço & Ribeiro, 1944;  
Cardoso & Carreira, 1995), como em Vila Pouca  
(Moita, 1967), a primeira ocupação remonta àquela  
época, a qual, cronologicamente, se poderá situar,  
como as congéneres da região, no último quartel  
do VI milénio a.C./inícios do milénio seguinte.

É a esse período que devem também ser reporta-  
das as ocupações do Palácio Lumiares e da Encosta  
de Sant'Ana, recentemente dadas a conhecer.

O Palácio Lumiares, situado no casco histórico  
da cidade, implanta-se na parte culminante de pla-  
taforma formando istmo, outrora delimitado pelo  
estuário do Tejo, de um lado, e o esteiro que, a partir  
daquele, se desenvolvia para montante, abarcando  
o Rossio e os Restauradores, prolongando-se de-  
pois ao longo da Avenida da Liberdade. A escava-  
ção realizada pela ERA – Arqueologia, SA. (Valera,  
2006), identificou, assente no substrato miocénico,  
um paleossolo anegrado, de época neolítica, onde  
se recolheu uma abundante indústria lítica, ainda  
não estudada em pormenor, incluindo lamelas,  
truncaturas, e geométricos (segmentos), além de  
outros artefactos, como núcleos. Tal realidade in-  
dica uma intensa actividade especializada no talhe  
do sílex, oriundo das bancadas cretácicas situadas  
a cerca de 2,5 km de distância. Os escassos frag-  
mentos cerâmicos, alguns com elementos de pre-  
ensão, ostentam por vezes motivos em espiga com  
desenvolvimento horizontal, segundo faixa abaixo  
do bordo, motivos incisos e impressos, além da téc-  
nica “boquique”. Duas datações por B-OSL para o  
sedimento do paleossolo deram os resultados de:

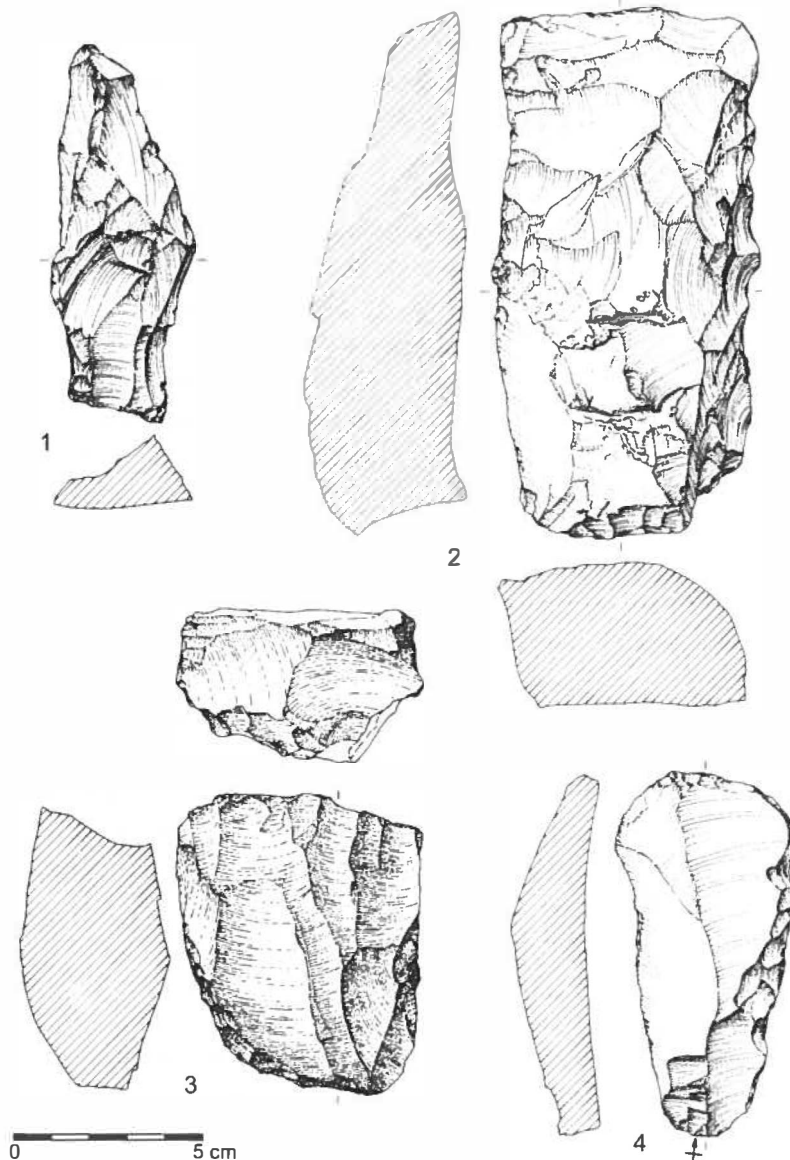
ITN-Lum-30 – 4235-3755 BC (para um sigma)

ITN-Lum-31 – 4175-3815 BC (para um sigma)

Estes resultados, apesar da sua grande amplitu-  
de, afiguram-se compatíveis com o Neolítico Médio.  
A ser assim, pode concluir-se que a época imedia-  
tamente posterior ao Neolítico Antigo Evolucionado  
ainda seria caracterizada por produções cerâmicas  
cujas afinidades com aquele complexo cultural são  
evidentes, pelo menos na região de Lisboa. No en-  
tanto, estes resultados podem merecer reservas,  
não pelos métodos em si mesmos, mas pelo facto  
de os grãos de quartzo, aquando do seu último re-  
cobrimento, poderem não ter na integra o seu re-  
lógio aferido a zero. Seja como for, A. F. Carvalho,  
informa que as formas nesta fase, com base nos  
resultados obtidos nos sítios do Maciço Calcário  
Estremenho da Pena d'Água e da Costa do Pereiro  
(ainda inédito), “são essencialmente as mesmas do  
Neolítico Antigo evolucionado: taças em calote, he-  
misféricos, globulares, estes no entanto mais raros.  
Há um quase desaparecimento dos elementos de  
preensão. A decoração mais característica, numa  
fase inicial do Neolítico médio, é o sulco sob o bor-  
do, quando aparece associado ainda a falsa folha  
de acácia (ou, talvez mais frequentemente, a inci-  
sões em espinha), boquique e impressões diversas.  
Numa segunda fase mantém-se o boquique e, in-  
teressantemente, os penteados incisos. O traço no  
entanto mais característico é o aumento progres-  
sivo e muito significativo da percentagem de cerâ-  
mica lisa, que já é predominante desde o Neolítico  
Antigo. As peças decoradas são sempre residuais”  
(comunicação de 9 de Junho de 2010).

A Encosta de Sant'Ana é num sítio implantado na  
base do morro de Sant'Ana, junto do esteiro outro-  
ra formado pela penetração do estuário do Tejo ao  
longo do vale da ribeira de Arroios, formando um  
pequeno braço de águas salobras pouco profundas,  
propício à recollecção de moluscos. Foram, com  
efeito, tais condições favoráveis, que justificaram a  
implantação identificada aquando dos trabalhos ar-  
queológicos realizados decorrentes da reconversão  
urbanística da zona (Muralha & Costa, 2006). Em  
paleossolo de origem aluvionar, identificaram-se  
diversas estruturas de combustão, uma estrutura  
do tipo fossa e um possível buraco de poste, rela-  
cionados com restos de *Bos sp.*, *Ovis/Capra*, *Sus*

Fig. 13 Materiais líticos de Santana. Museu Nacional de Arqueologia.



*scrofa*, *Oryctolagus cuniculus* e *Lepus* sp.

Dois datações de radiocarbono realizadas sobre carvões de espécies indeterminadas deram o seguinte resultado:

Sac-1893-5420 $\pm$ 45 BP

Sac-1894 – 5140 $\pm$ 140 BP,

a que correspondem os intervalos a 2 sigma, respectivamente, de 4347-4053 e 4323-3647 cal BC (sem que sejam mencionados outros elementos). Estes resultados mostram que se trata de uma ocupação que se pode situar, do ponto de vista cronológico, na transição para ou já no Neolítico Médio, tal como a anterior.

No entanto, dado que não se indica a natureza das espécies vegetais datadas (de vida curta ou longa ?), nem existir a certeza de todos os fragmentos carbonosos datados serem sincrónicos, a única data que se afigura fiável, obtida posteriormente às duas anteriores, sendo também mais antiga do que aquelas, corresponde a análise sobre conchas de *Mytilus* provenientes de uma fossa (EU 05):

Sac – 1990 – 6450  $\pm$  50 BP, a qual, depois de corrigida para o efeito oceânico e de calibrada, deu o resultado de 6070  $\pm$  60 BP,

sendo, pois, consentânea com o Neolítico Antigo evolucionado, conclusão compatível com a

tipologia da cerâmica (Carvalho, 2008).

As cerâmicas decoradas constituem 14,6% do conjunto total dos fragmentos cerâmicos recolhidos, que ascendem a 704 exemplares. As técnicas e padrões decorativos repartem-se pelas decorações plásticas (6%), impressões (50%), incisão (31%) e decorações compósitas (13%). Na impressão, sobressai a técnica boquique, correspondente a 50% daquele grupo. Com efeito, é a esta técnica que se reportam dois dos três recipientes mais completos, dois vasos em forma de saco munidos de asas, anulares ou em fita, associadas no primeiro caso a botões decorativos. Está presente o motivo em grinalda, obtido por incisão, o motivo em espiga, considerado pelos autores como inciso (trata-se de punccionamentos oblíquos, misto de impressão e incisão) e os característicos bordos denteados sobre o lábio. Verifica-se, pois, existirem fortes afinidades deste conjunto com as cerâmicas do Neolítico Antigo evolucionado.

No respeitante à indústria lítica, estão presentes lascas retocadas, lamelas, peças com dorso, buris, furadores, raspadores e raspadeiras, além de núcleos prismáticos e não prismáticos, essencialmente de sílex, matéria-prima de origem próxima (afloramentos do Cretácico), ou mesmo local, sob a forma de seixos rolados. O registo faunístico integra, entre os 41 fragmentos ósseos classificáveis, por ordem decrescente, os seguintes táxones: *Sus scrofa*, *Ovis/Capra*, *Oryctolagus cuniculus*, *Bos sp.*, *Cervus elaphus* e *Lepus sp.* (Muralha & Costa, 2006).

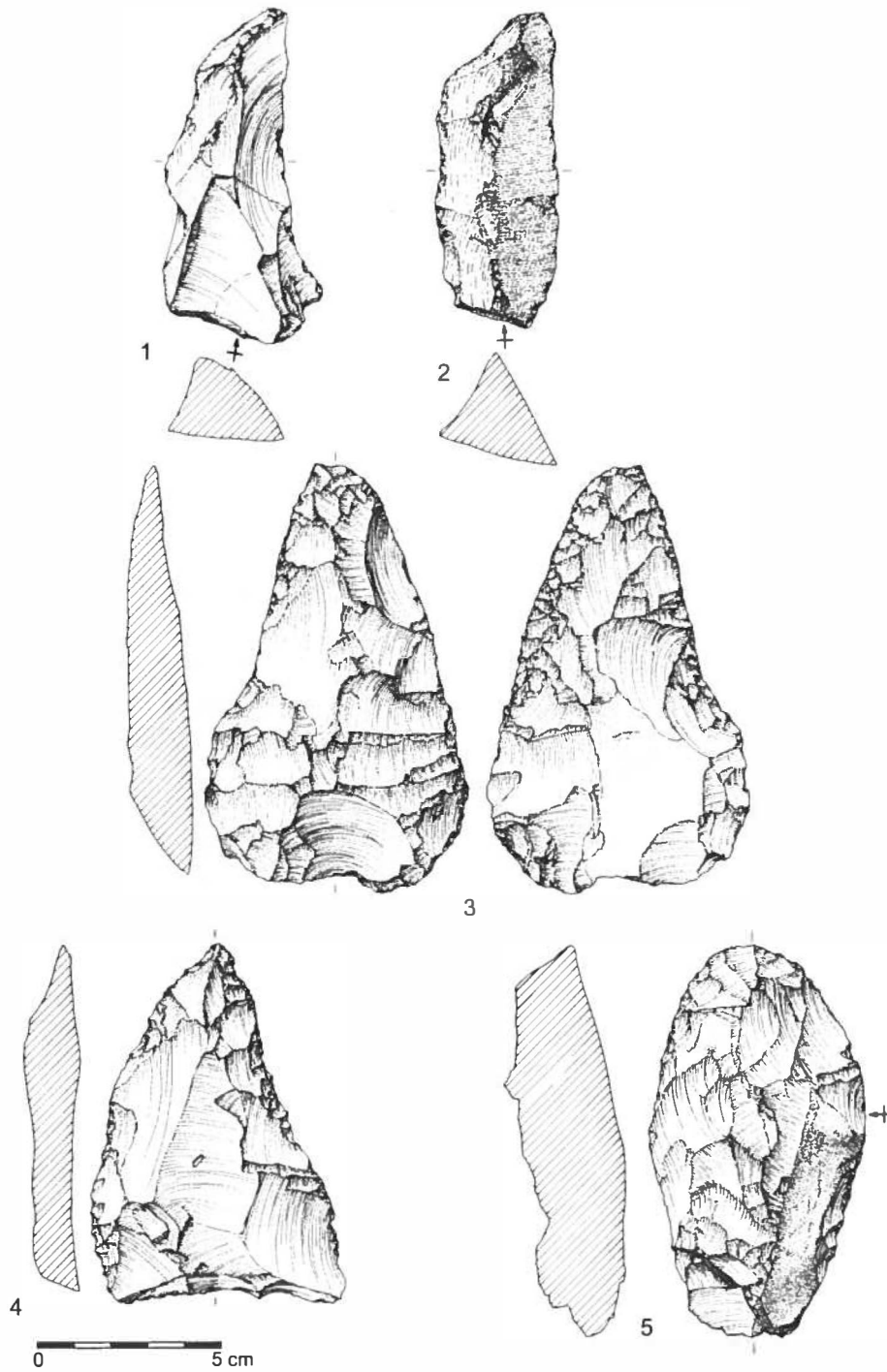
### **O Neolítico Final e o Calcolítico pré-campaniforme**

Neste amplo intervalo de tempo integram-se algumas estações de importância internacional e que de há muito são conhecidas. Talvez a mais importante, hoje completamente desaparecida, corresponda aos vestígios subterrâneos de mineração de sílex, identificados aquando da abertura do túnel ferroviário do Rossio, do lado de Campolide, cujo talude de escavação intersectou tais vestígios, correspondentes a duas galerias, parcialmente entulhadas, onde se recolheram diversos percutores de basalto utilizados na extracção (Choffat, 1889, 1907) e escassos restos humanos. Mais tarde, J.

Leite de Vasconcelos, ainda recolheu ali alguns outros desses maços, tendo reproduzido um deles (Vasconcelos, 1937).

A riqueza do sílex é, de facto notável, em toda a serra de Monsanto, sendo certo que, se não fosse a exploração generalizada dos calcários que a constituem, especialmente depois do terramoto de 1755, haveriam muitos outros locais daquele mesmo tipo, além de oficinas, onde se preparariam em esboço diversos tipos de utensilagem, e se efectuariam a formatação de núcleos, depois exportados para serem aproveitados em outros locais. Vestígios de uma dessas gigantescas oficinas encontra-se corporizada pela célebre estação de Santana (Monsanto 1), na margem direita da ribeira de Alcântara, onde se recolheram milhares de produtos de debitage em bruto, rebotalhos inacabados ou abandonados em esboço, além de elevado número de elementos nucleares de diversas dimensões, e estados de preparação. São excepcionais as peças acabadas, por vezes indicando características próprias, evocando a técnica campinhense, representada por grandes "tranchets", característicos daquela indústria (Fig. 13 e 14). Esta estação, apesar das avisadas reservas expressas por H. Breuil em relação à sua cronologia, foi ulteriormente atribuída ao Mustierense, quer "típico" quer de "tradição acheulense", com base na caracterização tecno-tipológica dos materiais recolhidos no "método Bordes" (Raposo, Carreira & Penalva, 1985). Na verdade, Breuil tinha inteira razão, quando declarou "*Ce sont des gisements très vastes, jonchés de débris de taille, et situés soit sur le terrain même des gîtes à sílex, soit sur les pentes et les hauteurs immédiates. On y compte une demi-douzaine de stations, les unes nettement néolithiques, les autres avec le caractère particulier des stations-ateliers d'extraction de la matière première (...); il semble difficile de penser à les reporter à une date préneolithique*" (Breuil, 1918, p. 35). Em conclusão, o que pareceu aos autores como indústrias mustierenses, afiguram-se, sobretudo, esboços de exemplares inacabados, de época neolítica ou mesmo calcolítica, estando presentes alguns elementos que evocam as indústrias campinhenses, também presentes no povoado próximo de Carnaxide, Oeiras (Cardoso, 1996) e na região da Amadora,

Fig. 14 Materiais líticos de Santana. Museu Nacional de Arqueologia.



onde foram assinalados por Jean Ollivier.

À encosta setentrional da serra de Monsanto, voltada para o vale de Alcântara, pertence também o povoado de Vila Pouca, já antes referido, o qual foi objecto de um primeiro opúsculo de Vergílio Correia (Correia, 1912 b). Este sítio, tal como o

povoado de Montes Claros, possui uma segunda presença humana (além da que em ambos foi depois isolada, pertencente ao Neolítico Antigo evolucionado), atribuível ao Neolítico Final, encontrando-se comprovada pela abundante presença de bordos em aba denteados e recipientes carenados

lisos, identificados nas escavações realizadas no primeiro por Irilvalva Moita em 1959 (Moita, 1967) e no segundo, na década de 1940 (Jalhay, Paço & Ribeiro, 1944; Jalhay & Paço, 1947) e, de novo, em 1988 (Cardoso & Carreira, 1995).

No Bairro da Serafina, a Norte de Vila Pouca, e ainda na encosta meridional de Monsanto, voltada para o vale de Alcântara, foi explorada por J. Camarate França e A. de Almeida uma acumulação doméstica, constituída por abundantes restos malacológicos, pelo que recebeu a designação de “concheiro”, da qual apenas se conhece uma curta referência, correspondente a resumo de comunicação apresentada a 10 de Abril de 1958 na secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa (Castelo-Branco, 1977, p. 62). Aquele depósito embalava abundantes materiais de sílex e um machado, de secção circular e polido apenas no gume, compatível com o Neolítico Final.

Com base nas reproduções fotográficas, de má qualidade, pode admitir-se ter existido também uma presença do Neolítico Final no povoado do Alto das Perdizes (França, 1949 a, Est. 18, n.º 152, 153), que sucedeu à do Neolítico Antigo atrás mencionada, e ainda no sítio da Junqueira (Vaultier & Zbyszewski, 1947, Est. 8, n.º 115, 116), onde também se recolheram fragmentos de vasos com bordos em aba denteados ou munidos de cordões denteados paralelos ao bordo e abaixo deste, característicos daquela fase cultural.

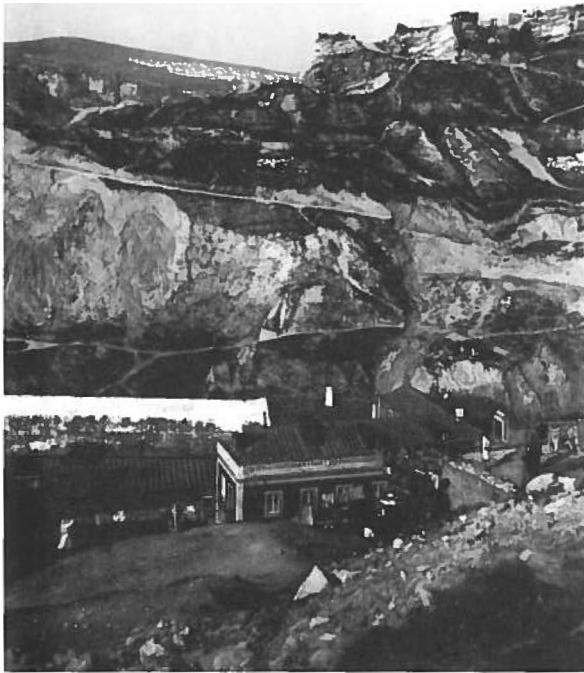
No respeitante a estruturas pré-históricas, apenas no povoado de Vila Pouca foi posto a descoberto um empedrado de planta circular, com cerca de 1,10 m de diâmetro, constituído por elementos rolados basálticos, relacionados com camada muito rica em carvões, tendo sido correctamente classificado como “assento de lareira” (Moita, 1967, p. 51); a par deste testemunho, foi também identificado um chão de cabana de planta oval, com diâmetros principais entre 2,0 e 2,5 m, revestido de uma camada de argila endurecida. Infelizmente, não foi possível à autora relacionar estas duas estruturas com nenhuma das duas fases de ocupação neolíticas identificadas com base na revisão, agora efectuada, dos respectivos materiais, porque, como afirma, o espólio se encontrava completamente misturado

que é plausível, porque também foi a que o signatário identificou em Montes Claros, aquando das escavações que ali dirigiu em 1987.

A ocupação do vasto povoado de Vila Pouca parece ter terminado no Neolítico Final, apesar de A. Mesquita de Figueiredo, na sequência da publicação da estação arqueológica, e depois de intensos trabalhos no local, que incluíram escavações, em locais que ora se desconhecem, mencionar a existência de artefactos metálicos:

“Notarei (...), na pedreira grande de Vila Pouca, fiz escavar vários “fundos de cabanas”, que me forneceram abundantíssimo material da época da pedra polida, umas três dezenas de machados polidos, instrumentos de osso, muitos fragmentos cerâmicos, alguns ricamente ornamentados, entre eles uma colher de barro (...), e até alguns pequenos fragmentos de instrumentos de cobre ou bronze, que me fazem pensar que se trata de uma estação cuja existência se prolongou neste mesmo local, pelo menos até à época calcolítica” (Figueiredo, 1922, p. 5). Contudo, esta conclusão precisa de ser encarada com reservas: com efeito, a existência de qualquer artefacto, metálico ou não, reportável ao Calcolítico, não é suportada pelo espólio publicado por Irilvalva Moita. O mesmo se verifica quanto ao primeiro arqueólogo que se debruçou sobre esta estação, no estudo que lhe dedicou (Correia, 1912 b): após exame atento dos cortes expostos pela lavra da pedreira, que lhe evidenciaram fundos de cabana e depósitos de restos alimentares, no copioso espólio arqueológico recolhido, é manifesto que os exemplares cerâmicos por ele descritos se reportam tanto ao Neolítico Antigo, como ao Neolítico Final, mas nenhum do Calcolítico.

O mesmo já se não pode dizer de outros sítios, que evidenciam ocupações calcolíticas subsequentes, como é o caso de Sete Moinhos, situado defronte de Vila Pouca, do outro lado do vale de Alcântara, correspondente a um esporão calcário, com apenas um caminho de acesso, actualmente pela Rua do Arco do Carvalhão, hoje desfigurado por antigas pedreiras e pela completa ocupação urbana do seu topo, mas que outrora se debruçava sobre o vale de Alcântara, delimitado lateralmente pelo vale profundo actualmente correspondente à Calçada



**Fig. 15** Vista dos Sete Moinhos (antes de 1940), sendo bem evidente a situação de esporão, sobre o vale de Alcântara, delimitado do lado meridional pelo profundo vale da Calçada dos Mestres. Em segundo plano, já na encosta direita do vale de Alcântara, observa-se a pedreira de Vila Pouca. Note-se que a serra de Monsanto ainda se não encontrava florestada e que o viaduto Duarte Pacheco não estava construído. Colecção particular.

dos Mestres, que conduz a Campolide. Em 1985 F. Castelo Branco publicou, na Revista Municipal, um conjunto de fotografias obtidas cerca de 1939/1940, destinado precisamente a sublinhar aquela posição privilegiada, a qual se encontra bem evidenciada pela foto inédita, tirada cerca de 1940, que ilustra o presente trabalho (**Fig. 15**).

A primeira notícia desta estação é dada por Vergílio Correia (Correia, 1912 c). Os materiais arqueológicos provinham de área situada junto à extremidade do esporão, e que, como acertadamente foi dito pelo próprio, “claramente indicam a ocupação do lugar nas épocas neolítica e calcolítica (começo dos metaes)” (*op.cit.*, p. 4). Com efeito, o espólio ulteriormente estudado em pormenor (Carreira, 1995), confirma plenamente aquela afirmação: vislumbra-se ténue presença do Neolítico Final, representada por escassos recipientes carenados, sendo

de destacar a ausência de bordos denteados, tão comuns em Vila Pouca e Montes Claros. Tal evidência sugere que estes dois povoados já se encontrariam abandonados aquando da primeira ocupação de Sete Moinhos. Com efeito, é o Calcolítico Pleno que se encontra ali quase exclusivamente representado: além de um pequeno formão de cobre, avulta a cerâmica decorada (grupo da “folha de acácia” e “crucífera”), associada a alguma cerâmica campaniforme, que será abordada no capítulo seguinte. É curioso verificar a quase ausência das produções cerâmicas do Calcolítico Inicial em Sete Moinhos, pois apenas se recolheu fragmento de bordo de copo canelado, o qual poderia corresponder a uma sobrevivência pontual no Calcolítico Pleno, conforme se verificou no Zambujal, Torres Vedras (Kunst, 1996), em Leceia, Oeiras (Cardoso, 2007 a) e, mais recentemente, no Penedo do Lexim, Mafra (Sousa, 2010). Deste modo, o único fragmento de copo identificado em Sete Moinhos constitui evidência demasiado escassa para poder representar uma ocupação do Calcolítico Inicial; a este, junta-se um outro, recolhido em Montes Claros, igualmente inconclusivo a tal respeito (inédito, no Museu da Cidade, in Carreira, 1995, p. 47).

Deste modo, conclui-se que no actual concelho de Lisboa, não se encontra claramente representado o Calcolítico Inicial, sendo o Calcolítico Pleno a única etapa da Idade do Cobre pré-campaniforme que se encontra documentada, e, ainda assim, devida apenas aos escassos elementos recolhidos em Sete Moinhos. Esta escassez de testemunhos do Calcolítico Pleno observa-se também nos povoados adjacentes à área lisboeta, como é o caso do vizinho Alto da Cabreira, fronteiro a Monsanto e já pertencente ao concelho de Amadora, onde se recolheram, juntamente com materiais campaniformes, pelo menos um fragmento com decoração em “folha da acácia” calcolítica, produzida por impressão (França, 1948, Est. 3, n.º. 31).

#### **Povoados campaniformes da região ribeirinha do estuário do Tejo**

Sob esta designação, incluem-se os pequenos núcleos humanos, provavelmente de raiz familiar, que, no decurso da segunda metade do III milénio

a.C. se generalizam pelos férteis terrenos da região a norte do estuário do Tejo.

De um modo geral, a tipologia e técnica decorativa dos recipientes cerâmicos indica uma fase já avançada do “fenómeno” campaniforme a nível regional. Predominam as decorações incisadas, aplicadas frequentemente a grandes recipientes campanulados (“caçoilas”), e a grandes taças Palmela, escasseando, ou encontrando-se mesmo ausentes, os vasos “marítimos” decorados a ponteados. Representam, pois, a derradeira fase do Calcolítico: é o designado “Grupo Inciso”, o mais moderno dos três Grupos de produções cerâmicas campaniformes isolados na Estremadura portuguesa (Soares & Silva, 1974/1977), associado a um curto período de transição para a Idade do Bronze, insuficientemente caracterizado na região, a que tem sido usual dar o nome de “Horizonte de Montelavar” (Cardoso, 2002; Cardoso, 2007 b). Esta entidade arqueológica foi definida a partir de uma sepultura de tipo cista, do sítio epónimo do concelho de Sintra, encontrada já parcialmente destruída por pedreira, da qual se conhecem apenas duas pontas de Palmela e um punhal de lingueta.

Na maioria dos casos, trata-se de núcleos de base familiar, implantados em encostas de declive suave, fortemente vocacionados para uma economia agro-pastoril de carácter intensivo. A relação destes núcleos domésticos com férteis terrenos de cultivo – onde se praticaria uma agricultura diversificada, sobretudo a cerealicultura, sem esquecer a horticultura, ao longo das linhas de água, bem como a criação de gado (bovino, ovino-caprino e suíno) – encontra-se documentada no concelho de Lisboa, especialmente em locais implantados em zonas de solos férteis, ou nas suas proximidades. É o caso de todos os locais que anteriormente se referiram e onde se identificaram vestígios de ocupações mais antigas, do Neolítico Final. Assim, em Vila Pouca, Montes Claros, Sete Moinhos, Alto das Perdizes e Junqueira, todos com presenças do Neolítico Final, são as produções tardias do grupo campaniforme inciso que predominam largamente, apresentando-se mesmo como exclusivas; a estes, soma-se o sítio da Cerca dos Jerónimos, em encosta voltada para o Tejo, publicado por Vergílio Correia

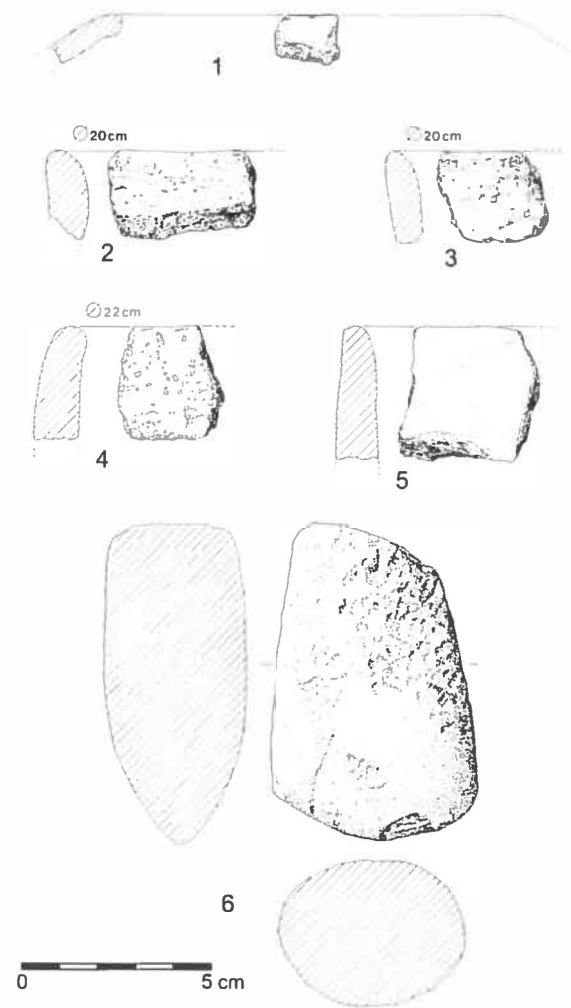


Fig. 16 Materiais da Cerca dos Jerónimos. Museu Nacional de Arqueologia.

(Correia, 1913), que reproduz diversos fragmentos campaniformes incisados, ficando por saber se tais decorações eram ali exclusivas e quais os tipos de cerâmicas lisas que as acompanhavam, sendo certo que parece estar também representada a Idade do Bronze (*op.cit.*, Fig. 4). Mais tarde, Luís Chaves dedicou um estudo a esta estação pré-histórica (Chaves, 1937), reproduzindo-se na Fig. 16, conjunto até ao presente inédito de cerâmicas lisas e um machado, de época neolítica e/ou calcolítica, conservados no Museu Nacional de Arqueologia.

Aos materiais campaniformes acima aludidos, juntam-se os recolhidos na Praça da Figueira aquando da construção do Metropolitano de Lisboa (Cardoso & Carreira, 1997).

Assim, vista globalmente, a ocorrência de cerâmicas campaniformes, nuns casos, indica a reocupação de encostas, como a de Vila Pouca, ou a da Cerca dos Jerónimos; noutros, foram as colinas calcárias, como a de Sete Moinhos e de Montes Claros, ou basálticas, como o Alto das Perdizes, as escolhidas como locais de estacionamento; enfim, está documentada a ocupação de zonas ribeirinhas, como a Junqueira e a Praça da Figueira. Esta diversidade de tipos de ocupação tem paralelos nas áreas limítrofes do concelho de Lisboa, como é o caso do já referido Alto da Cabreira, Amadora (França, 1949 a) e do Alto dos Barrinhos, Oeiras (Carreira, Cardoso & Lopes, 1996), dominando o fértil vale da ribeira de Algés, ambos correspondendo a colinas basálticas. Tais elevações dominam zonas planas, ou suaves encostas, onde se identificaram, como acima se disse, testemunhos da presença de pequenos grupos portadores de cerâmicas campaniformes incisas, como é o caso do Monte do Castelo, Oeiras (Cardoso, Norton & Carreira, 1996). Idêntica estratégia de ocupação se observa na vasta plataforma a norte da serra de Sintra, onde a implantação em sítios altos, como o povoado do Alto do Montijo (Cardoso & Carreira, 1996), se articula com a ocupação de zonas planas, ocupadas *ex-novo* ou, tal qual o verificado nos sítios lisboenses supra mencionados, com presenças anteriores, do Neolítico Final, como é o caso de Casas Velhas, Mafra (Carreira & Lopes, 1994).

Menos frequentemente, optou-se por uma ocupação ribeirinha, nos terrenos planos marginais do estuário do Tejo, de que é exemplo a estação da Junqueira, cuja ocupação campaniforme tardia foi, igualmente, antecedida de uma presença do Neolítico Final, tão discreta quanto aquela. Os escassos materiais campaniformes da Praça da Figueira sugerem, também, tal tipo de presença, de carácter fortuito. Pode, pelo exposto, concluir-se que o período terminal do ciclo campaniforme se encontra relativamente bem representado na área da cidade de Lisboa, relacionando-se os diversos tipos de implantação com a estratégia de exploração agro-pecuária adoptada, procurando-se, com tão assinalada diversidade e dispersão demográfica, potenciar ao máximo as capacidades produtivas

desta tão fértil região.

Note-se, em abono desta conclusão, que a correlação entre as capacidades de uso do solo e a localização das ocorrências conhecidas, indica um despovoamento das zonas norte e oriental da área concelhia – tal qual o observado no Paleolítico, mas por razões distintas – ocupadas por terrenos muito mais pobres, de idade terciária, realidade que se acentua, como seria de prever, a partir do início do Neolítico.

Em toda a vasta região a oeste de Lisboa, sobressai, pela importância, o povoado de Montes Claros, de onde provém um notável conjunto de produções campaniformes tardias, englobáveis no já referido “Grupo inciso”, que fazem deste sítio o mais representativo desta etapa cronológico-cultural da notável região campaniforme que é a Baixa Estremadura (Harrison, 1977; Cardoso & Carreira, 1995), embora, excepcionalmente, se encontrem representantes do “Grupo internacional”, atestados pela presença do vaso marítimo, decorado a ponteadado, como um exemplar recolhido aquando do levantamento arqueológico do parque de Monsanto (Fig. 17).

Assim, as necessidades de visibilidade assumiam grande importância na escolha dos locais de implantação dos principais núcleos campaniformes tardios, a que se somariam as necessidades defensivas, patentes em alguns sítios campaniformes da região, como o povoado fortificado de Moita da Ladra, Vila Franca de Xira (Cardoso & Caninas, 2010).

Embora fosse conhecida, de há muito, a coexistência em estratigrafia, noutros povoados fortificados da Baixa Estremadura, como o da Rotura (Setúbal) e o da Penha Verde (Sintra), de produções de origem local, pré-campaniformes, com produções campaniformes, representadas pelo Grupo Internacional, atestando a maior antiguidade deste Grupo face aos restantes (“Grupo Palmela” e “Grupo Inciso”), tais presenças correspondiam, invariavelmente, ao declínio da ocupação desses sítios fortificados (Cardoso, 2007 b). Deste modo, o povoado de Moita da Ladra possui grande importância, por vir documentar a continuidade da fortificação de certos locais particularmente estratégicos ao domínio da circulação de bens pessoais,

apesar de a tendência, então generalizada, fosse a do desinvestimento na manutenção das fortificações anteriormente edificadas, e muito menos a da sua construção *ex-novo*, como é o caso. Com efeito, o povoado de Moita da Ladra, implantado no topo



**Fig. 17** Fragmento inédito de vaso campaniforme marítimo decorado a ponteados, de Montes Claros (recolhas realizadas no âmbito do levantamento arqueológico do Parque Florestal de Monsanto, em 1986, pelo signatário e J. A. Severino Rodrigues).

de uma chaminé basáltica, domina o vasto estuário interior do Tejo, controlando uma das vias que atravessavam transversalmente a península de Lisboa, pondo em contacto o vasto "mar interior" e os territórios do além-Tejo, com o litoral oceânico ocidental, por seu turno pontuado por diversos povoados, como o Zambujal (Torres Vedras).

Em conclusão: os dados actualmente existentes permitem concluir que a segunda metade do terceiro milénio a.C. foi, na Baixa Estremadura, um tempo de desinvestimento na manutenção dos povoados fortificados calcolíticos, que tinham assumido anteriormente grande importância. Aquando da eclosão do "fenómeno" campaniforme, tais sítios assistiram à miscigenação de produções cerâmicas de tradição anterior com as produções campaniformes mais antigas, representadas pelo Grupo Internacional, onde pontifica o vaso "marítimo", observando-se, excepcionalmente, a edificação de povoados fortificados, em locais estratégicos; depois, com o acentuar do declínio e conseqüente abandono daqueles outrora importantes núcleos populacionais, assistiu-se à multiplicação de pequenos sítios domésticos, implantados em encostas suaves, de base familiar, em estreita ligação com uma intensa actividade agro-pastoril, acompanhados

da instalação, no topo de colinas, de povoados de maior importância, que denunciam a ocupação hierarquizada do fértil território imediatamente a norte do estuário do Tejo, prenunciando o modelo de povoamento que, ulteriormente, ali viria a ser também adoptado no final da Idade do Bronze, cerca de mil anos depois.

#### **Achados fortuitos de materiais neolíticos ou calcolíticos**

Sem que se possam atribuir a verdadeiros núcleos de povoamento, mas apenas a estacionamentos episódicos e esporádicos, podem referir-se ainda algumas ocorrências arqueológicas da área citadina, ou da sua envolvência imediata.

Em 1918, Félix Alves Pereira deu a conhecer a recolha de sílices talhados numa excursão efectuada à área do Lumiar: trata-se de local elevado, o chamado "Alto dos Pinheiros", sobranceiro ao Paço do Lumiar, cuja descoberta, efectuada na companhia de Joaquim Fontes, foi impressivamente registada por aquele grande arqueólogo (Pereira, 1918). Anos mais tarde, o seu então jovem companheiro de jornada retomou o estudo desta estação, e, ao referir-se a novas descobertas efectuadas na Quinta do Paço (recreio do Colégio Manuel Bernardes), o qual dista cerca de 200 m do local anteriormente assinalado, correspondendo ao sopé do referido outeiro, concluiu que se tratava de uma única estação, já que, entre as duas áreas em causa, também lhe foi possível recolher diversos artefactos. Tendo presente a respectiva tipologia, trata-se de materiais neolíticos e/ou calcolíticos, tal como já o havia concluído F. Alves Pereira (Fontes, 1947 b).

Aquando da abertura da Avenida dos Estados Unidos da América, em sedimentos miocénicos, E. Prescott Vicente e F. Bandeira Ferreira tiveram a oportunidade de recolher, em 1953, um conjunto lítico, aparentemente homogéneo, mencionado pela primeira vez em 1960, mas jamais publicado, do qual faziam parte fragmentos cerâmicos mais ou menos grosseiros (Amaral, 1960). Desse conjunto de setenta e um exemplares, representa-se, na **Fig. 18**, selecção dos mais representativos.

Importa, a terminar, mencionar achados isolados, realizados no subsolo da cidade, no decurso

de obras ou de achados fortuitos, que só o facto de ocorrerem na capital do País torna dignos de menção ou de publicação. Um dos mais expressivos exemplos deste tipo de publicações é a que foi produzida sobre um artefacto de silex, aliás incharacterístico e de época indefinida, encontrado no quintal da habitação do ilustre olisipógrafo Augusto Vieira da Silva, na Rua de S. Domingos á Lapa, em Lisboa (Jalhay, 1947). O mesmo autor menciona achados paleolíticos em outros locais da cidade, cujas ocorrências mais relevantes foram já objecto de menção anterior, remetendo-se o leitor para a bibliografia por ele publicada em co-autoria com A. do Paço (Jalhay & Paço, 1941).

Além das ocorrências citadas, devem referir-se,

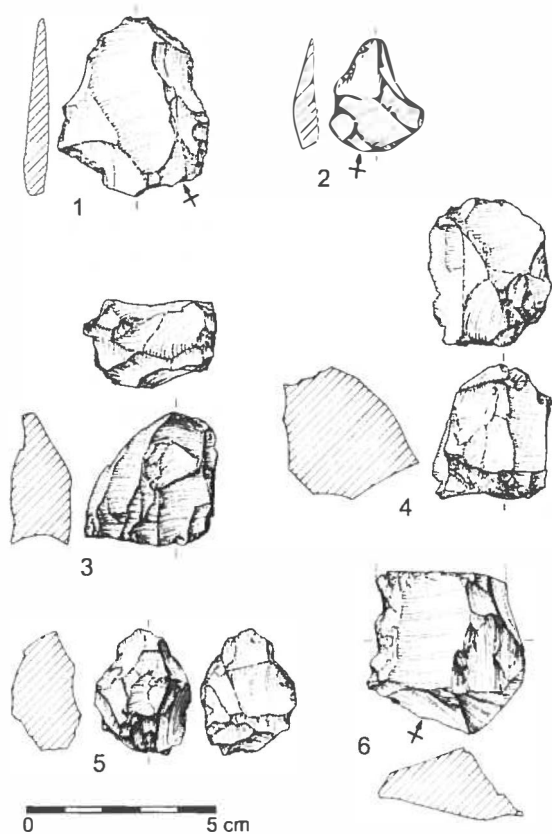


Fig. 18 Materiais neo/calcolíticos da Av. dos Estados Unidos da América. Museu Nacional de Arqueologia.

entre os achados isolados, diversos artefactos de pedra polida. Compreende-se o destaque dado a este tipo de peças, já pela carga cognitiva e simbólica

que eles ainda representavam para as populações, mesmo citadinas, de há uma ou duas gerações, por constituírem o mais expressivo exemplo do artefacto pré-histórico. Assim se explica o especial apreço que J. Leite de Vasconcelos declaradamente votava a um machado encontrado em quintal de uma casa contígua à que vivia, em Campolide: “Já por ser de Lisboa, já pelo local do aparecimento, tenho este machado em especial apreço” (Vasconcelos, 1937, p. 10), ele, que, ao longo da sua vida tinha visto milhares de peças análogas, além de outras manifestações pré-históricas, de longe mais relevantes que este humilde testemunho, que ciosamente guardava em sua casa. Outro machado a que o próprio faz referência e reproduz (op. cit. Fig. 4), provém do Chafariz d’El Rei, conservando-se no Museu Nacional de Arqueologia (Fig. 19). Ali apareceu, em 1907, tendo sido oferecido a Leite de Vasconcelos, que por sua vez o depositou no Museu que então dirigia (Vasconcelos, 1937, p. 10), onde foi desenhado. Naquele museu existe um outro, que se crê inédito, proveniente de Telheiras (Fig. 20). Também inédita, segundo se julga, é a enxó espalmada de anfíbolito e completamente polida, igualmente conservada naquele Museu desde 1919, proveniente da sacristia da Capela de S. José dos Carpinteiros (Fig. 21). Desconhece-se, no entanto, as condições do achado.

Há ainda uma referência a machado de pedra polida oriundo do Castelo de S. Jorge, encontrado aquando das obras ali levadas a cabo pela extinta DGEMN (Viana & Zbyszewski, 1946, p. 179).

Cabe ainda dentro desta categoria de achados, a bem conhecida placa de xisto com decoração antropomórfica, dada como recolhida na antiga Quinta da Farinheira, em Chelas, no decurso da exploração de areeiro (Zbyszewski, 1957). Ainda que nada nos impeça de aceitar tal proveniência, até porque terá sido o próprio achador que a comunicou ao autor da publicação referida, faltam outros elementos essenciais para a compreensão e conveniente integração arqueológica do achado, só por si notável, dada a semelhança existente com outra placa recolhida em sepulcro megalítico da provincia de Huelva, como já então tinha sido devidamente assinalado. Com efeito, a absoluta identidade entre a decoração

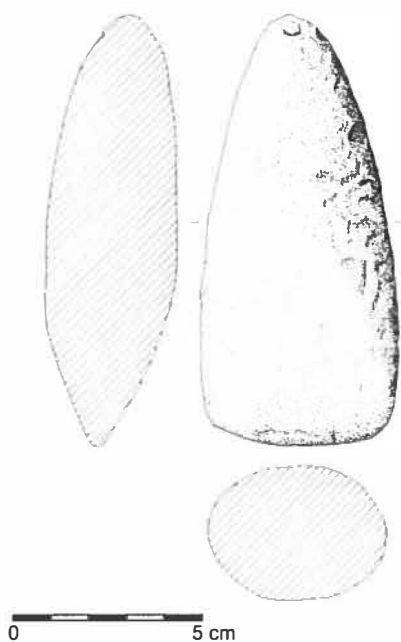


Fig. 19 Machado de pedra polida do Chafariz d'El Rei. Museu Nacional de Arqueologia.

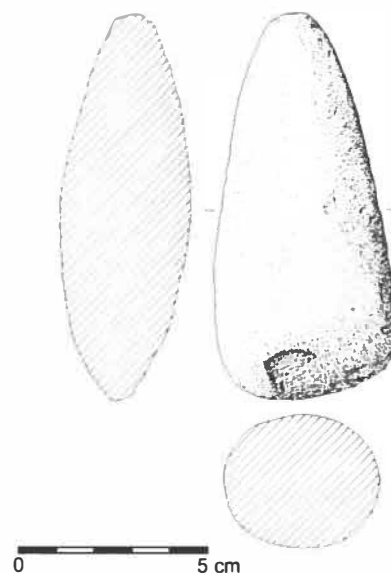


Fig. 20 Machado de pedra polida de Telheiras. Museu Nacional de Arqueologia.

das duas faces de ambas as placas, correspondente à representação da divindade feminina calcolítica, faz crer que saíram da mesma mão, ou que, pelo menos, quem fez uma tinha conhecimento directo da outra. Esta conclusão encontra-se sublinhada pela raridade da representação tal como ela se encontra patente, rica e complexa, ainda assim com um outro paralelo próximo na placa do dólmen de Cabacinhos (ou Cabacinhitos) Évora (Pina, 1971), sugerindo que a difusão de ideias, corporizadas pelos próprios artífices, ou pela circulação das suas obras – neste caso expressas em artefacto simbólico – seria, à época, uma realidade com larga amplitude geográfica, abarcando a Andaluzia ocidental, o Alto Alentejo e a Estremadura portuguesa (Cardoso, 2002, 2007).

De época indefinida é a sepultura estruturada com lajes de pedra, onde jazida um esqueleto em decúbito dorsal, encontrada ocasionalmente na Tapada da Ajuda, aquando da abertura de um caminho (Silva, 1879, p. 177). A falta de qualquer espólio, a não ser uma ponta de sílex, encontrada ao lado do crânio, torna difícil atribuir a ocorrência a uma época definida, sendo, no entanto, menos compatível, pela arquitectura, com a hipótese de se

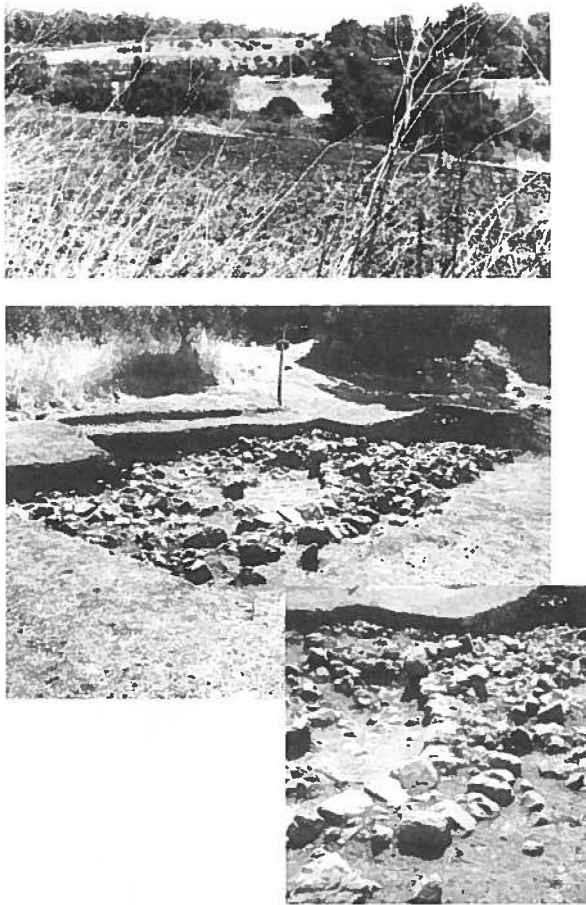


Fig. 21 Enxó de pedra polida da sacristia da capela de S. José dos Carpinteiros. Museu Nacional de Arqueologia.

tratar de sepulcro da transição do Calcolítico para o Bronze Inicial, corporizada na região pelo chamado Horizonte de Montelavar (Cardoso, 2002, 2007), do que com sepultura medieval, hipótese que se considera mais provável.

### O Bronze Final

O registo arqueológico volta a estar presente a

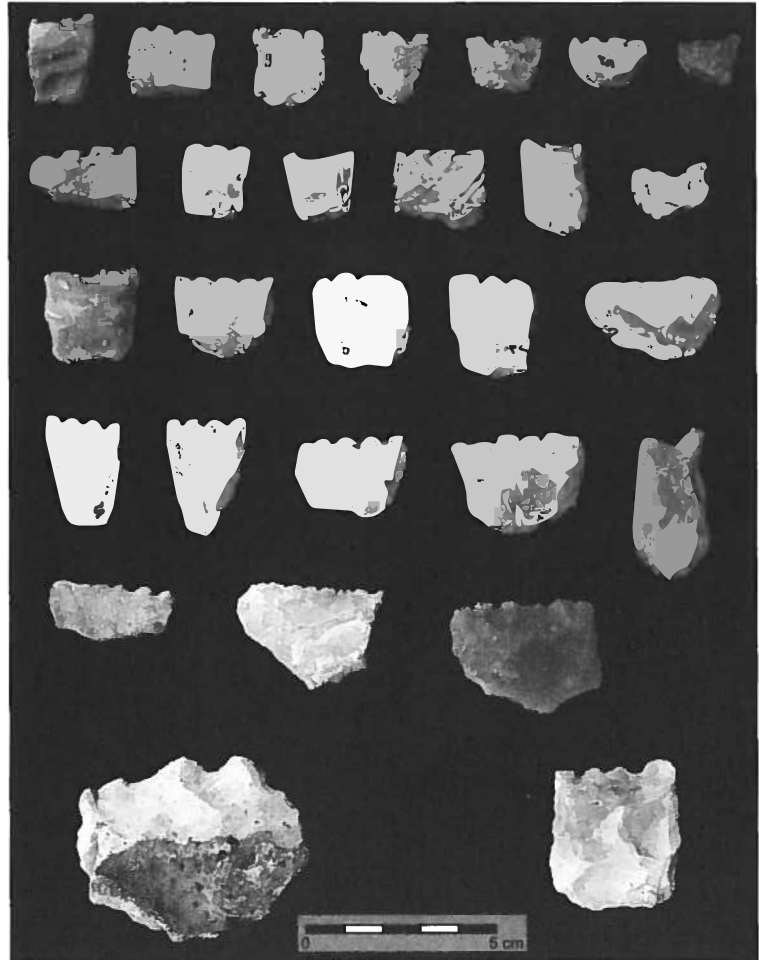


**Fig. 22** Localização no terreno da estação da Idade do bronze da Tapada da Ajuda (no centro, ao fundo) e duas vistas parciais das escavações realizadas, evidenciando-se embasamento de cabana de planta elipsoidal, constituída por muro definido por uma dupla fiada de blocos basálticos. Fotos do signatário.

partir de meados da segunda metade do II milénio a.C., correspondendo aos primórdios do Bronze Final, fase cultural que se prolonga nesta região até ao século IX a.C. ou inícios do seguinte. Com efeito mercê da elevada aptidão agrícola dos solos basálticos – agora de novo preferidos, mas por outros motivos, dos que explicaram a sua intensa frequência pelos bandos de caçadores-recolectores do Paleolítico Inferior e Médio – assistiu-se, ali, tal como se tinha observado no final do Calcolítico, à multiplicação de núcleos de carácter familiar, ou de pequenos povoados abertos, dedicados à exploração agro-pastoril intensiva e extensiva, ao longo de todo o ano.

Até o presente, o sítio melhor conhecido é o povoado da Tapada da Ajuda, Lisboa. Implantava-se em encosta de declive suave, entre 100 e 115 m de altitude, voltado a Sul, para o estuário do Tejo, que se descortina do local, e na imediação de linha de água, que nele desaguava. A comunidade ali sediada, habitando casas de embasamento de alvenaria irregular, constituídas por blocos basálticos de planta elipsoidal (**Fig. 22**) – as quais possuem antecedentes locais, constituídos pelas cabanas campaniformes de Leceia – dedicava-se à criação de animais domésticos (ovinos, bovinos e suínos), à recolção intensa de moluscos e à pesca, no estuário adjacente, e, excepcionalmente, à caça do veado (Cardoso *et al.*, 1986). Porém, a actividade económica mais importante era a produção cerealífera, expressivamente documentada pelas centenas de elementos denticulados de foices, sobre lascas de sílex, montados em cabos de madeira, também abundantes noutros povoados da região de Oeiras (**Fig. 23**). O volume potencial das produções (talvez sobretudo de trigo) ultrapassaria certamente as necessidades de consumo desta comunidade, ali sediada desde o século XIV a finais do século XII a.C., segundo a análise estatística das cinco datas de radiocarbono obtidas. Deste modo, a laboriosa, sedentária e pacífica população deste e de outros sítios, inventariados na região (Cardoso, 2004), só poderá ser cabalmente compreendida se integrada numa estrutura sócio-económica organizada à escala regional, articulada em núcleos demográficos mais importantes, certamente estabelecidos em locais altos e defensáveis, onde viveriam as elites, a partir dos quais administravam territórios bem delimitados: em um destes territórios se integraria a Tapada da Ajuda, ainda que tal não possa situar-se na colina do castelo de S. Jorge, como seria tentador admitir à primeira vista, dado que ali os mais antigos vestígios encontrados, no decurso das extensas escavações recentemente realizadas, remontam à Idade do Ferro (Serra, 2008).

Uma coisa é certa: que este modelo de exploração intensiva da terra se prolongou até fase tardia do Bronze Final é-nos indicado pelas datas de radiocarbono obtidas no casal agrícola da Quinta do Percevejo, Almada, sugerindo ocupação dos



**Fig. 23** Elementos de foice com bordo serrilhado, da estação da Idade do Bronze da Tapada da Ajuda. Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

séculos XI/X a.C (Barros, 2000), e no povoado do Cabeço do Mouro, Cascais (Cardoso, 2006), no sopé do qual se explorou um silo ulteriormente reaproveitado como lixeira. A época da utilização daquela estrutura para um intervalo de confiança de cerca de 95 %, foi situada entre 972-957 e 940-798 cal BC (Cardoso, 2006), sendo portanto coeva da anterior.

Haveria, deste modo, uma estrutura de poder político emergente, no seio de cada conjunto de casais agrícolas ou pequenos povoados, implantados directamente nas áreas agrícolas, unidos certamente por laços de parentesco. Assim sendo, a emergência de povoados de altura na região, no decurso do Bronze Final – fenómeno também observado noutras regiões – é indissociável da afirmação de centros de poder económico-político, exercido pelas elites sediadas em tais locais, cuja presença se afigura necessária para a gestão interna dos

centros demográficos de maiores dimensões, como alguns do Alto e do Baixo Alentejo (Alarcão, 1996). Recorde-se, por outro lado, que a presença de elementos com uma posição social privilegiada e distinta no seio da comunidade, ocupando o Monte do Frade (Penamacor), entre os séculos XII/XI e IX a.C., foi recentemente admitida, na sequência da reinterpretação do sítio (Vilaça, 1997), ainda que tal presença tivesse expressão limitada, pois correspondia simplesmente a uma cabana, onde só poderiam instalar-se poucas pessoas de cada vez.

Na área em estudo, existem locais com estas características, correspondendo a diversas elevações isoladas na paisagem, cuja ocupação é cronologicamente comparável à daquele povoado (apesar de não se disporem de quaisquer elementos cronométricos): salientam-se os povoados do Penedo de Lexim, Mafra (Kalb, 1980; Sousa, 2010), da Penha

Verde, Sintra (Cardoso, 2010 b, e o castro da Ota, Alenquer (Barbosa, 1956), que anteriormente conheceram importantes ocupações calcólicas; o Cabeço de Moinhos, Mafra (Vicente & Andrade, 1971); o Castelo dos Mouros, Sintra (Cardoso, 1997/1998); o Cabeço do Mouro, Cascais (Cardoso, 1991) e o Monte da Pena, Torres Vedras (Madeira *et al.*, 1972). Pelo menos em cinco deles foram recolhidos fragmentos de cerâmicas finas, com ornatos brunidos, os quais, para além de se poderem associar ao quotidiano das elites, configuram uma etapa mais tardia do Bronze Final regional, situável entre os séculos XII/XI e IX a.C. (Bronze Final II), compatível com a cronologia dos povoados de altura do Bronze Final da Beira Interior, onde também se recolheram fragmentos de tais cerâmicas. Com efeito, na Tapada da Ajuda, que é o único povoado datado por radiocarbono no Bronze Final I, não se recolheu nenhum fragmento destas cerâmicas, apesar dos milhares de elementos compulsados (Cardoso & Silva, 2004).

Enfim, em diversos locais do casco antigo de Lisboa, ou nas regiões periféricas, recolheram-se materiais da Idade do Bronze, os quais, porém, não se comparam à importância da evidência recolhida na Tapada da Ajuda, pois trata-se de achados isolados; é o caso dos seguintes achados:

- elemento de foice, acompanhado de alguns elementos cerâmicos da área do quartel dos Bombeiros de Monsanto (Fig. 6);

- fragmentos cerâmicos recolhidos em São Domingos de Benfica (Fig. 7);

- elemento de foice, acompanhado de alguns fragmentos cerâmicos, recolhidos no Moinho das Cruzes (Fig. 8);

- fragmentos da Idade do Bronze recolhidos na Praça da Figueira aquando da construção do Metropolitano de Lisboa (Cardoso & Carreira, 1997, Fig. 2);

- fragmento de um vaso em forma de saco, de paredes verticais e bordo simples, recolhido no Alto de Santa Catarina (Fig. 24), conservado inédito no Museu Nacional de Arqueologia, que poderá ser da Idade do Bronze, dados os estreitos paralelos que detêm com produções análogas da Tapada da Ajuda (Cardoso & Silva, 2004).

Importa, ainda, recordar a atribuição a esta época de cerâmicas do povoado do Alto das Perdizes, a par de materiais da Idade do Ferro (França, 1949 a).



Fig. 24 Fragmento de vaso cilíndrico, de bordo simples, do Alto de Santa Catarina. Museu Nacional de Arqueologia.

Em conclusão: com a afirmação da hierarquização social, ao longo do Bronze Final, a região da Baixa Estremadura e, em particular a de Lisboa, atingia as condições adequadas para o sucesso da empresa fenícia, corporizada pela chegada dos primeiros comerciantes e navegadores oriundos daquela região ou, mais provavelmente, da cidade de Gades (Cadiz), logo nos albores do século VIII a.C. ou ainda nos finais do século anterior, conforme indicam as datas absolutas obtidas em Almaraz, Almada (Barros & Soares, 2004). Associam-se assim as elites indígenas do Bronze Final como interlocutoras válidas dos recém-chegados, aliás antecedidas por outros grupos de comerciantes que, em pleno Bronze Final e com origem no Mediterrâneo central, possuíam idênticos intuitos, corporizando o designado período pré-colonial: é isso que indica, claramente, o recente achado de cerâmicas de origem sarda do Bronze Final e gregas arcaicas na região de Cádiz e, em contrapartida, a existência de machados de alvado com dois anéis e de foices de tipo Rocanes, casal agrícola do Cacém, Sintra (Fontes, 1916), no celebre depósito do Monte Sa Idda, Cagliari Sardenha (Cardoso, 1999/2000, Fig.

12). A colonização agrícola das férteis terras basálticas que envolvem a cidade de Lisboa, procedeu-se, no decurso de um segundo momento da Idade do Ferro, seguindo exactamente o modelo adoptado no Bronze Final, através de pequenas explorações de raiz familiar (Cardoso & Carreira, 1993), coevas da emergência do importante centro comercial de Olisipo, onde a ocupação do morro do castelo se articulava com a da parte baixa, junto aos esteiros do Tejo, na origem directa da actual cidade de Lisboa e da sua vocação comercial e marítima.

### Agradecimentos

Ao Dr. Luís Raposo, Director do Museu Nacional de Arqueologia por ter autorizado o estudo dos espólios arqueológicos ora publicados.

A Bernardo Ferreira e a Filipe Martins por terem realizado os desenhos que ilustram este trabalho.

Ao Doutor António Faustino Carvalho, pelas informações sobre as cerâmicas do Neolítico Médio dos sítios do Maciço Calcário Estremenho por si explorados, e em parte ainda inéditos.

Ao Dr. Paulo Almeida Fernandes, por ter esperado pela conclusão deste trabalho.

### Referências Bibliográficas

Nota: não se pretendeu apresentar a bibliografia exaustiva sobre a Pré-História de Lisboa, mas tão-só a mais importante, como convinha a trabalho de síntese como este.

ALARCÃO, J. de (1996, coord.) – *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

ALMEIDA, A. Marques de (1953) – Estação arqueológica dos arredores de Lisboa, nas Terras do Pita, à Palhavã, hoje dentro da cidade. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série II, 2, p. 284.

AMARAL, I. M. (1960) – *Lisboa, contribuição para o estudo das origens*. Lisboa: FLUL (dissertação de licenciatura não publicada).

ANGELUCCI, D. E.; SOARES, A. M.; ALMEIDA, L.; BRITO, R. & LEITÃO, V. (2007) – Neolithic occupation and mid-Holocene soil formation at Encosta de Sant'Ana (Lisbon, Portugal): a geoarchaeological approach. *Journal of Archaeological Science*. 34, p. 1641-1648.

BARBOSA, E. (1956) – O castro da Ota (Alenquer). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série II, 3, p. 75-85.

BARROS, L. (2000) – *O fim do Bronze a Idade do Ferro no território de Almada*. Lisboa: FLUL (dissertação de mestrado não publicada).

BARROS, L. & SOARES, A. M. Monge (2004) – Cronologia absoluta para a ocupação orientalizante da Quinta do Almaraz, no estuário do Tejo (Almada, Portugal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 22, p. 333-352.

BORDES, F. (1950) – Principes d'une méthode d'étude des techniques de débitage et de typologie du paléolithique Ancien et Moyen. *L Anthropologie*. Paris. 54.

BREUIL, H. (1918) – Impressions de voyage paléolithique à Lisbonne. *Terra Portuguesa*. Lisboa. 27/28, p. 34-39.

BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1942) – *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. I. Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Comunicações, 23).

CARDOSO, Fonseca (1895) – Nota sobre uma estação chelleana no valle d'Alcantara. *Revista de Ciências Naturais e Sociais*. Porto. 3, p. 10-21.

CARDOSO, G. (1991) – *Carta arqueológica do concelho de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

CARDOSO, J. L. (1987) – No estuário do Tejo, do Paleolítico à Idade do Ferro. *Arqueologia do Vale do Tejo*. Lisboa: IPPC, p. 69-80.

CARDOSO, J. L. (1995) – O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda. In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder* (S. Oliveira Jorge, coord.). Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 88.

CARDOSO, J. L. (1996) – Materiais arqueológicos inéditos do povoado de Carnaxide. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 27-45.

CARDOSO, J. L. (1997/1998) – O povoado do Bronze Final do Castelo dos Mouros (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 169-187.

CARDOSO, J. L. (1999/2000) – Aspectos do povoamento da Baixa Estremadura no decurso do Bronze Final. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 355-413.

CARDOSO, J. L. (2002) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo.

CARDOSO, J. L. (2004) – A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História Regional. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 12, p. 17-332.

CARDOSO, J. L. (2006) – A estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro (Cascais): resultados das escavações realizadas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9 (1), p. 21-46.

CARDOSO, J. L. (2007 a) – As cerâmicas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, p. 9-276.

CARDOSO, J. L. (2007 b) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.

CARDOSO, J. L. (2010 a) – O Neolítico Antigo da Baixa Estremadura: as investigações dos últimos cinco anos. *Workshop The last hunter-gatherers and the first farming communities in the south of the Iberian peninsula and north of Morocco*. Actas. Faro: Universidade do Algarve (em publicação).

CARDOSO, J. L. (2010 b) – A ocupação do Bronze Final do povoado pré-histórico da Penha verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18 (em publicação).

CARDOSO, J. L. & CANINAS, J. C. (2010) – O povoado calcítico fortificado de Moita da ladra (Vila Franca de Xira). Colóquio Internacional "Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal 3500 a 2000 a.n.e." (Cascais, Outubro de 2005). Actas: Câmara Municipal de Cascais (no prelo).

CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. ([1991]1993) – Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. *Méditerranée*. Lisboa. 2, p. 193-206.



*Germania*. 58, p. 25-59.

KUNST, M. (1996) – As cerâmicas decoradas do Zambujal e o faseamento do Calcolítico da Estremadura portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 257-287.

MADEIRA, J. L. et al. (1972) – Achados da Idade do bronze no Monte da pena (Barro/Torres Vedras). – notícia prévia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 6, p. 207-218.

MOITA, I. (1967) – Povoado neolítico de Vila Pouca (serra de Monsanto). *Revista Municipal*. Lisboa. 112/113, p. 49-58.

MOITA, I. (1994) – Origens pré e proto-históricas. *O Livro de Lisboa* (I. Moita, coord.). Lisboa: Livros Horizonte, p. 25-31.

MURALHA CARDOSO, J. (1988) – Carta arqueológica do concelho de Lisboa. Lisboa – *Revista Municipal*. Lisboa. Série II, 23, p. 3-15; 24, p. 3-25.

MURALHA, J. & COSTA, C. (2006) – A ocupação neolítica da Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz, Lisboa). *IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, 2004)*. Actas. Faro: Universidade do Algarve, Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica, p. 157-169 (Promontoria Monográfica, 04).

OLLMIER, J. (1951) – Industries anciennes du paléolithique d'Amadora. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série II, 1, p. 63-82.

PAÇO, A. do (1934) – Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal. *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. 1, p. 43-47.

PAÇO, A. do (1940) – Revisão dos problemas do Paleolítico, Mesolítico e Asturiense. *Congresso do Mundo Português*. Lisboa. 1, p. 129-158.

PEREIRA, F. Alves (1918) – Antiquitus. *O Arqueólogo Português*. 23, p. 48/74.

RAPOSO, L.; CARREIRA, J. R. & PENALVA, C. (1985) – A indústria mustierense de Santana (Monsanto). *I Reunião do Quaternário Ibérico (Lisboa, 1985)*. Actas: Grupo de Trabalho Português para o Estudo do Quaternário. 1, p. 91-100.

PINA, H. L. (1971) – Novos monumentos megalíticos do distrito de Évora. *II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Actas. Coimbra: Junta Nacional da Educação. 1, p. 151-162.

ROCHE, J.; FERREIRA, O. da Veiga & ZBYSZEWSKI, G. (1959) – Deux stations préhistoriques des environs de Lisbonne: Vila Pouca et Pinhal da Charneca. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1, p. 89-103.

SERRA, S. (2008) – *Castelo de São Jorge. Núcleo museológico*. Lisboa: EGEAC, E.M.

SERRÃO, E. da Cunha (1975) – Contribuições arqueológicas do sudoeste da Península de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 1, p. 199-225.

SERRÃO, E. da Cunha & MARQUES, G. (1971) – Estrato pre-campaniforme da Lapa do Fumo. *II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Actas. Coimbra: Junta Nacional da Educação, 1, p. 121-142.

SILVA, J. da (1879) – Tumulo da Idade da Pedra. *Boletim da Real Associação dos Arquitectos Cívicos e Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. Série II, 2 (11), p. 177.

SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1974/1977) – O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 7/9, p. 101-112.

SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1986) – *Arqueologia da Arrabida*. Lisboa: SNPRCN (coleção Parques Naturais 15)

SOUSA, A. C. (2010) – *O Penedo do Lexim e a sequência do*

*Neolítico Final e Calcolítico da península de Lisboa*. 2 vols. Lisboa: FLUL (tese de doutoramento não publicada).

VALERA, A. (2006) – O Neolítico da desembocadura do paleo-estuário do Tejo: dados preliminares do Palácio dos Lumiares. *Era Arqueologia*. Lisboa. 7, p. 86-108.

VASCONCELOS, J. Leite de (1922) – Descobridores de Monsanto. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 25, p. 178-180.

VASCONCELOS, J. Leite de (1937) – Lisboa arcaica. Da Idade da Pedra à Reconquista Cristã. *Boletim Cultural e Estatístico*. Lisboa. 1 (2). Separata de 17 p.

VAULTIER, M. & ZBYSZEWSKI, G. (1947) – Estação pré-histórica da Junqueira. *Lisboa e seu termo. Estudos e documentos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 1, p. 9-33.

VIANA, A. & ZBYSZEWSKI, G. (1946) – Nota acerca de descoberta de uma indústria pré-histórica no Castelo de S. Jorge. *Brotéria*. Lisboa. 42, p. 179-184.

VICENTE, E. Prescott & Andrade, G. M. (1971) – A estação arqueológica do Cabeço dos Moinhos. Breve notícia. *II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Actas. Coimbra: Junta Nacional de Educação. 2, 223-238.

VILAÇA, R. (1997) – Uma nova leitura para o Monte do Frade (Penamacor). *Conimbriga*. Coimbra. 36, p. 27-44.

ZBYSZEWSKI, G. (1957) – Comparaison entre une plaque de schiste gravée de Lisbonne et une autre de la province de Huelva. Lisboa. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38 (2), p. 459-463.

ZBYSZEWSKI, G. & CARDOSO, J. L. (1985) – O Paleolítico do antigo campo de aviação da Amadora. *Arqueologia*. Porto. 12, p. 56-70.

ZBYSZEWSKI, G. & CARDOSO, J. L. (1987) – O Paleolítico da jazida de Linda-a-Pastora. *Da Pré-História à História. Volume de Homenagem a O. da Veiga Ferreira*. Lisboa: Delta, p. 111-152.

ZBYSZEWSKI, G. & CARDOSO, J. L. (1988 a) – Três estações paleolíticas da serra de Monsanto – Tapada da Ajuda; Moinho da Carrasqueira; Moinho das Cruzes. *Revista Municipal*. Lisboa. Série II, 26, p. 3-44.

ZBYSZEWSKI, G. & CARDOSO, J. L. (1988 b) – O Paleolítico de Borel-Horta (Amadora). *Arqueologia*. Porto. 18, p. 29-52.

ZBYSZEWSKI, G. & CARDOSO, J. L. (1992) – Le Paléolithique du gisement de Casal da Serra (Amadora). *Méditerranée*. Lisboa. 1, p. 221-230.

ZILHÃO, J. (1997) – *O Paleolítico Superior da Estremadura portuguesa*. 2 vols. Lisboa: Colibri.





# Arqueologia & História